

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

RENATA DOS SANTOS ANDRETTI

A SEGURANÇA FEMININA NOS ESPAÇOS DE LAZER EM CURITIBA-PR. COMPREENDENDO A DEMANDA DAS
MULHERES PARA TRANSFORMAR EM UMA REDE DE COMPARTILHAMENTO PARA SOLUCIONAR PROBLEMAS

CURITIBA
2019

RENATA DOS SANTOS ANDRETTI

A SEGURANÇA FEMININA NOS ESPAÇOS DE LAZER EM CURITIBA-PR. COMPREENDENDO A DEMANDA DAS
MULHERES PARA TRANSFORMAR EM UMA REDE DE COMPARTILHAMENTO PARA SOLUCIONAR PROBLEMAS

Projeto de Planejamento e Gestão em Turismo
apresentado ao curso de Turismo, Setor de
Ciências humanas, da Universidade Federal do
Paraná, como requisito parcial á obtenção do
título de Bacharel em Turismo.

Orientador: Prof. Dr. Sandro Campos Neves

CURITIBA

2019

Dedico á todas as mulheres que já cruzaram meu caminho, as que me inspiram diariamente, e que alimentam minha vontade de pensar sempre em nós. Mulheres Existem e Resistem.

AGRADECIMENTOS

Agradeço sempre o apoio da minha família.

Ao orientador Sandro Campos Neves, que me auxiliou nessa caminhada.

Agradeço ao Coletivo Cássia e á todas as mulheres presente neste, que responderam o questionário. E á todas as outras que permitiram que a pesquisa acontecesse.

Agradeço aos espaços entrevistados, que gentilmente concederam tempo e forneceram informações necessárias.

“Que nada nos defina, que nada nos sujeite. Que a liberdade seja a nossa própria substância, já que viver é ser livre.”

Simone de Beauvoir

RESUMO

Este trabalho objetiva indagar sobre a segurança feminina e sua relação em espaços e tempos de lazer. A pesquisa bibliográfica caminha entre Gênero Feminino, Turismo e Segurança Feminina e Tecnologia no Turismo, a fim de conseguir progredir com a pesquisa e fazer com que o leitor entre em contato com os problemas que o gênero feminino enfrenta. A metodologia utilizada para o desenvolvimento se deu de forma qualitativa e quantitativa, onde usou-se de entrevista e questionário para obter respostas. Os resultados demonstram os potencializadores da sensação do medo da mulher, tanto em espaços urbanos, quanto em espaços privados. Também, foi possível abranger como anda a consciência de estabelecimentos privados em relação ao tema central do trabalho. Através disto, pode-se compreender quais as demandas das mulheres nestes espaços, e em como o compartilhamento em meio virtual pode ser utilizado para a melhoria da segurança, ou ao menos, da sensação de segurança. A partir da análise dos dados, e da interpretação do mesmo, foi proposto um aplicativo para dispositivo móvel, que seja destinado às mulheres, e que leva o nome de “Mulher, Go”.

Palavras-chave: Gênero Feminino. Turismo e Segurança Feminina. Tecnologia no Turismo.

ABSTRACT

This paper aims to inquire about female security and its relationship in spaces and leisure time. Bibliographic research moves between Female Gender, Tourism and Female Security and Technology in Tourism, in order to make progress with the research and to get the reader in touch with the problems that the female gender faces. The methodology used for development was qualitative and quantitative, where we used interviews and questionnaires to obtain answers. The results demonstrate the enhancers of women's fear sensation, both in urban and private spaces. Also, it was possible to cover how is the awareness of private establishments in relation to the central theme of the work. Through this, we can understand the demands of women in these spaces, and how sharing in the virtual environment can be used to improve security, or at least the feeling of security. From data analysis and interpretation, a mobile app for women called "Woman, Go" has been proposed.

Key-words: Female Gender. Tourism and Female Security. Technology in Tourism.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	MARCO TEÓRICO	10
4 2.1	GÊNERO FEMININO	10
2.1.1	A LUTA FEMINISTA	14
2.1.2	EMPODERAMENTO	16
2.1.3	NOVAS QUESTÕES SOCIAIS	21
2.2	TURISMO E SEGURANÇA FEMININA	22
2.2.1	AS MULHERES TURISTAS E MORADORAS	24
2.3	TECNOLOGIA NO TURISMO	28
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	29
3.1	TIPO DE PESQUISA	29
3.2	ABORDAGEM DA PESQUISA	30
3.3	PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS	31
3.4	RECORTE	32
3.5	ANÁLISE DOS DADOS	33
4	ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PESQUISA	33
4.1	APRESENTAÇÃO DOS DADOS COLETADOS	33
4.2	INTERPRETAÇÃO DOS DADOS	44
5	PROJETO DE TURISMO	57
5.1	ETAPA PARA EXECUÇÃO DO PROJETO	60
5.1.2	DESCRIÇÃO DAS ETAPAS	60
5.1.3	DESCRIÇÃO DOS RECURSOS HUMANOS	60
5.1.4	DESCRIÇÃO DO ORÇAMENTO NECESSÁRIO	65
5.1.5	AVALIAÇÃO DO RETORNO DO INVESTIMENTO	66
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
7	REFERÊNCIAS	71
8	APÊNDICE 1 – QUESTIONÁRIO	74
8.1	APÊNDICE 2– ENTREVISTA	80

1.INTRODUÇÃO

O projeto de pesquisa nasce da experiência da pesquisadora como mulher e do diálogo com outras mulheres, nas quais se percebe a fragilidade dos espaços de lazer da cidade na oferta de segurança específica para mulheres. Também, se constatou que a temática deste trabalho necessita de mais pesquisas que possam ser aplicadas na resolução ou minimização da problemática aqui apresentada: a insegurança da mulher em estabelecimentos e em tempo de lazer. Sendo justamente estabelecimentos que ofertam lazer, o que deveria ser sinônimo de segurança e descontração no cotidiano de alguém. Nota-se a falta de bibliografia que interligue as palavras chaves aqui presentes: gênero, segurança e turismo.

Objetiva-se então abordar o grande problema social que está intrínseco à vida de um ser humano do gênero feminino, e que atravessa fronteiras econômicas, geográficas e etárias: A Segurança Feminina. A pesquisa poderia ser uma fonte de conhecimento para possibilitar subsídios com a finalidade de gerar políticas públicas voltadas à segurança da mulher em diversas áreas e segmentos, mas principalmente ligada ao Turismo.

Portanto, quais as demandas das mulheres viajantes e das moradoras locais de Curitiba em relação à segurança e bem estar nos equipamentos de lazer da cidade? A elaboração de um aplicativo para mulheres, a partir desta identificação da demanda, seria útil como produto para colaborar na solução ou mitigação do problema de insegurança feminina no espaço público e, especificamente, em equipamentos de lazer e entretenimento em Curitiba?

Sabe-se que a sensação de insegurança na vida de uma mulher perpassa a questão de estar em espaço público, ou em um estabelecimento privado. Até em momentos de lazer, ou em lugares que oferecem alguma segurança para os clientes, dificilmente se constata políticas de segurança oferecidas por esses locais que seja direcionada ao público feminino. Sendo assim, parte-se da hipótese de que a insegurança feminina seja um problema pouco notado por partes responsáveis destes locais anteriormente mencionados. Outra suposição é que talvez a normalidade dessa sensação de insegurança já faça parte do cotidiano dessas mulheres, tanto morador, quanto quando em papéis de turistas, e que discussões sobre o assunto nem estejam em pauta dentre as afetadas para conseguintes melhorias.

Parte-se da hipótese para o produto da pesquisa, de que isto possa ser então resolvido se apresentarmos a esses espaços a demanda deste público por algo que assegure o bem estar do mesmo no local. Também, o compartilhamento no mundo virtual entre essas mulheres talvez possa ser um minimizador deste sentimento de insegurança.

A partir disso, sentiu-se a necessidade de definir como objetivo geral da pesquisa: identificar a demanda em relação à segurança das moradoras da cidade de Curitiba/PR, e mulheres viajantes ou em grupo e que frequentam os espaços de lazer e turístico da Capital. Como objetivo precisamente sobre o projeto, o proposto então é analisar a utilidade de um aplicativo elaborado com base nas demandas cotidianas e turísticas identificadas através do questionário, que colabore para solucionar ou mitigar o problema da insegurança feminina no espaço público e estabelecimentos privados. Compreende-se que a satisfação dessas mulheres faz com que haja uma influência no número de visitantes, visto que se tornam agentes que indicam esses espaços a outros, serviria então como um canal de compartilhamento de opiniões e avaliações sobre os espaços/estabelecimentos. Com objetivos específicos definidos, a pesquisa tem como: a) Compreender quais são as necessidades mais urgentes dessas mulheres em relação à segurança em espaços em tempos de lazer e turismo; b) Identificar se há e quais as ações direcionadas dos estabelecimentos ao público feminino que frequenta esses locais; c) Analisar a utilidade da elaboração de um aplicativo de recomendação e avaliação de estabelecimentos de lazer entre mulheres.

A obtenção das respostas e resolução das questões levantadas se deu através do Questionário Online disponibilizado em ambiente virtual, às mulheres moradoras de Curitiba ou não; e através das entrevistas realizadas em estabelecimentos privados que exerçam a função de lazer na cidade, precisamente definido pelo nicho “Bar e Balada” pelo alto potencial e histórico de ser um ambiente fragilizado na oferta de segurança específica às mulheres, ou até minimamente.

Adentrando nos Procedimentos Metodológicos da pesquisa, define-se a presente pesquisa como exploratória, pois entende-se que tem como objetivo a formulação de questões ou problemas com três finalidades: desenvolver hipóteses, aumentar a familiaridade do pesquisador com o ambiente, fato ou fenômeno para pesquisa futura e ou modificar ou clarificar conceitos.

No delineamento, tem-se Pesquisa de Campo que é “aquela utilizada com objetivo de conseguir informações ou conhecimento acerca de um problema para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese que se queira comprovar “. Como instrumento de coleta de dados, definiu-se Questionário e Entrevistas. E a análise dos dados dos questionários será através de tabulação simples, e a análise das entrevistas se dará através do emparelhamento teórico.

Na pesquisa bibliográfica, a revisão teórica se deu após a definição de três temas gerais: Gênero Feminino, Turismo e Segurança Feminina, e Tecnologia no Turismo. Após essa delimitação, para aprofundar as questões propostas da pesquisa e projeto, abrangeu-se os tópicos “A Luta Feminista”, “Novas Questões Sociais”, “Empoderamento”, e “ As Mulheres Turistas e Moradoras”.

Alguns destes últimos tópicos foram pensados anteriormente ao início da pesquisa como títulos importantes à serem explorados, porém, outros se obtiveram de maneira orgânica enquanto a pesquisa e a discussão se estruturava. Nota-se a importância desses quatro caminhos percorridos como forma de compor o que foi proposto nos objetivos e suposto nas hipóteses, com o fim de obter respostas e pensamentos que conseguisse nos nortear como pesquisadores e também apresentar-se à sociedade como fonte de conhecimento significativo.

2. MARCO TEÓRICO

2.1. GÊNERO FEMININO

Ao pensar em como direcionar a pesquisa de referencial teórico do tema proposto, necessita-se escolher palavras-chaves que possam nortear um caminho a ser trilhado a fim de responder os objetivos previamente traçados. Sendo assim, com o intuito de embasar a importância da problemática apresentada neste trabalho, definiu-se por iniciar a pesquisa por um termo que cada vez mais, gera discussões no meio acadêmico tanto quanto no meio social. O entendimento desse termo, ou melhor dito, o conhecimento de todas as raízes dessa palavra se faz necessário para o decorrer deste trabalho.

Tendo em vista que este trabalho gira em torno de compreender a insegurança da mulher na sociedade quando atrelada ao Turismo, a questão de gênero pode ser vista como um fator que desencadeia essa sensação de insegurança. Não obstante,

esse pressentimento de perigo não permanece apenas como uma sensação, compreendendo que a insegurança é de fato real na vida de uma mulher, sendo ela criança, adolescente ou adulta, até mesmo no seu momento de lazer.

Qual a implicação que o gênero assume na vida de alguém? As mulheres sentem na pele todo dia a significância de pertencer ao gênero feminino. Partindo da reflexão de gênero dada por Simone de Beauvoir (1960), a precursora das discussões sobre os papéis exercidos seguido a definição do sexo de alguém, deu-se a conceituação de gênero, através da frase “ninguém nasce mulher, mas torna-se mulher”, onde a mesma então contesta as ideias anteriores e propõe que o “ser mulher” é uma construção social e cultural.

Essa delimitação da palavra gênero no tema da pesquisa que aqui se faz, não exclui as possíveis limitações da própria palavra e não nega a existência das várias outras teorias e também das explanações sobre a exclusão que a palavra possa causar. Para Calió (1997, p.1), o gênero diz respeito à dimensão socialmente construída do feminino e do masculino. Ou seja, o gênero acaba binarizando a existência humana e mais uma vez encaixotando pessoas a agirem de tais formas e limitando a existência no binarismo Homem e Mulher. Uma grande pensadora sobre as limitações da definição que a palavra gênero possui, é Judith Butler, que vê uma problemática na definição dada a este termo, segundo Bitencourt (2013, p.184) “esta desconstrução permite a abertura para estarmos cientes que a categoria “gênero” é histórica e passa por constantes re-significações, que podem ser contestadas a todo momento”. Não só Butler, mas outros autores enxergam essa impossibilidade de alcance das várias formas de identidades das mulheres através de uma definição de gênero engessada, e, assim, remete à necessidade de uma abordagem plural e uma constante redefinição da diferenciação espacial e temporal (SIQUEIRA, 2015, p.15).

O termo Queer então foi posto como uma nova forma de enxergar essas questões sobre identidade de gênero. Queer propõe fugir desse binarismo, então nos leva a pensar que os adjetivos para feminilidade e masculinidade também são regras sociais impostas desde a infância, e que deveríamos ser capazes de fugir desse paradigma (BUTLER, 2003). Exemplificando essa proposta, ser homem ou ser mulher perante o reconhecimento da sociedade sobre o indivíduo em si, se dá através de atos performados em ambiente público, de feminilidade ou masculinidade pré concebida. Butler então afirma que o gênero é performativo, ou seja, produzido

por modos de agir identificáveis como pertencente masculinos e femininos, (CYFER 2015, p.46).

Portanto, é essa repetição de comportamentos que definiria alguém do gênero feminino ou masculino, sendo isso tomado como verdade absoluta e única a partir da sociabilidade praticada do ser humano. Identidades de gênero são então produtos destas regras, derivada das atitudes representadas por homens e por mulheres.

Outra crítica que Butler (1990) faz no livro Problemas de Gênero, de acordo com Cyfer (2015, p.44) é que o conceito de “mulher” foi pouco explorado para o feminismo. O sujeito então deveria ser o sujeito de prioridade nas discussões, mas não deveria ser tratado como algo genérico, quase que universal. Isso excluiu as pautas de divergências existente entre o sujeito mulher, e as enquadrrou como um ser único. Para a política feminista, de acordo com a autora, deve ser compreendido que existem diversidades nas realidades sociais, econômicas e culturais do sujeito.

Porém, Butler não desvaloriza nas suas falas e nem em suas obras o estudo sobre o binarismo de gênero que se dissipou em movimentos durante os anos anteriores, mas sim reconhece a importância que esses debates e pensamentos tiveram no empoderamento das mulheres perante a sociedade e na sua identificação pessoal e também, em grupos. Discussões que desencadearam vários movimentos e nichos dentre eles que dão voz às diversidades presente na sociedade atualmente.

Segundo Calió (1997, p.1), gênero é visto como uma categoria analítica da realidade social, o mesmo traz visibilidade às mulheres, e propõe mudanças nos fenômenos sociais. De acordo com a autora, “assumir a categoria de gênero significa identificá-lo a partir dos vários espaços onde ele se constrói: na cidade, na família, no mercado de trabalho, nas instituições, na subjetividade”.

O intuito desta junção de vários pensamentos sobre Gênero, não é contradizer um ao outro, julgar a veracidade de certos termos, ou até mesmo pressupor algum autor e sua visão sobre o que gênero significa. Acredita-se ser a definição dada por Beauvoir (1960), um gatilho para que se possa pensar a existência humana, e principalmente as mulheres e as diversidades das mesmas. Por isso, tem se a necessidade de uma profunda e intensa pesquisa teórica a fim de absorver diversos conhecimentos e várias perspectivas sobre um determinado assunto que é tão

delicado, e tem tamanha importância na identificação pessoal de um sujeito, em visão macro e micro, perante a sociedade. Acredita-se que enquadrar Gênero como uma categoria imutável, sabendo que ele foi apresentado à sociedade enquanto passávamos pela Segunda Guerra Mundial, e ainda quando a sociedade se via fragilizada e quando os direitos humanos eram quase que impensáveis, é no mínimo contradizer o efeito que essa discussão causou, mesmo que talvez em escala gradativa: uma revolução.

A palavra Gênero e as suas implicações foi notada para a realização do Marco Teórico a fim de analisar o sujeito Mulher/Mulheres, e entender, através de diversas indagações que nos é apresentada, e que partem, mais explicitamente desde o século XIX, qual o impacto e quais foram as podas e as restrições que pautaram os hábitos, vontades, cotidianos, e o comportamento delas.

Consequentemente, a relação com o Turismo e em como as mulheres abraçam essa necessidade de lazer e a exercem é um reflexo da construção que a nossa sociedade teve, e necessita ser pensada e problematizada.

Posto isto, quando interligamos ao turismo, ainda que obviamente, é importante termos consciência de que, apesar de várias definições diferentes e que talvez se complementam, é entendido pela (OMT, 2003), de que Turismo é o conjunto de atividades realizadas por turistas, ou seja, é a atividade do viajante que visita uma localidade fora de seu entorno habitual. Sendo assim, pode-se preconceber que isto já se torna uma atividade com algum certo tipo de risco, quando se foge do habitual. E que também, por estarmos presente em uma sociedade patriarcal, como demonstrado anteriormente, o Turismo também contém suas adversidades. Essa afirmativa é posta por (PRITCHARD & MORGAN, 2000; WILSON & LITTLE, 2008), onde em suas obras, afirmam que o espaço turístico contemporâneo ainda está sujeito a críticas por ser altamente masculinizado e que privilegia as experiências de viagem dos homens, onde pode ser refletido no Turismo Sexual e nos anúncios de turismo onde os corpos femininos são comumente objetivados e sexualizados.

Retomando “risco” como algo intrínseco às atividades turísticas, de acordo com (YANG ET AL, 2017) vários estudos descobriram que turistas do sexo feminino e masculino percebem os riscos de maneira diferente. Em particular, turistas do sexo feminino tem a percepção mais voltada aos maiores riscos físicos, ou seja, incluindo violência, segurança pessoal, e assédio ou agressão sexual. Além da questão do

gênero, sem deixar de falar sobre as questões sociais que também são limitadores e é outro aspecto que coloca sujeitos em potencial risco, temos as variações presente no mesmo grupo de gênero. Consequentemente, como resultado, as variações na percepção de risco então existem. Por exemplo, mochileiros femininos, que procuram mais novidade, podem perceber um risco menor do que os turistas de massa femininos também, que preferem familiaridade (LEPP & GIBSON, 2003).

As argumentações expostas neste capítulo são importantes para pensarmos democracia, e a construção de uma sociedade democrática, reconhecendo que mulheres têm o mesmo direito de usufruir do espaço público e da vida privada que os homens. Também importa para pensar em termos de equidade - e para o turismo - onde a equidade é mais comumente pensada em termos de consumo e que, mesmo nesse campo, tristemente não existe, como apresentada anteriormente, uma igualdade real entre homens e mulheres.

Por fim, expondo as feridas que a palavra gênero acarreta em uma sociedade, quando pensamos nos sujeitos femininos, temos de ter conhecimento que além também, e obviamente do consumo turístico, essas desigualdades estão presentes no mercado de trabalho. De acordo com Moraes (2005 p.33) "o que se tem de informação geral é que, no Brasil, as mulheres recebem em média metade do salário dos homens (as mulheres negras metade do salário do que ganham as brancas)". E embora esse não seja o objeto do trabalho, cabe também não esquecermos.

2.1. 1 A Luta Feminista

Faz-se necessário falar sobre o que o Feminismo significa e quais foram os percursos da luta feminista mesmo que de forma breve, após se discorrer sobre gênero. Enxerga-se a relação desses dois termos uma coisa quase que inseparável. E se faz fundamental para compreendermos a necessidade do empoderamento da mulher para o exercer da sua cidadania - do significado mais potente da palavra, tanto quanto no mais simplista -.

O feminismo nasceu em razão de necessidades antes jamais notadas, reivindicações que nunca foram sequer ouvidas, e agora, mulheres passaram a se articular para que a sua realidade fosse alterada. Quando se disse anteriormente sobre uma Revolução mesmo que de forma gradativa, temos através de Araújo e

Lima (2014, p.3), que o termo revolução “não se restringe ao espaço doméstico, mas atinge o cotidiano de cada homem e de cada mulher, obrigando-os a rever os termos de suas relações.”. Portanto, era empregado como algo que transformasse não só aparentemente e fragilmente uma estrutura, mas um questionamento que propõe inovação, uma nova forma de olhar alguma perspectiva ou uma ordem, neste caso, a condição social das mulheres.

De acordo com Saffioti, a perspectiva feminista toma o gênero como categoria histórica, assim sendo substantiva, e também como uma categoria de modo analítica e adjetiva. Não existe um modelo de análise feminista. E “ Ignorar as diferentes vertentes do feminismo é grave, pois homogeneiza uma realidade bastante diferenciada. ” (2001, p.129)

Em uma visão nacional, a luta feminista no Brasil pode ser vista como um produto tanto da disseminação das discussões de gênero na época, mas também é um espelho dos problemas sociais que estavam ocorrendo em nível local como em nível internacional. De acordo com Thayer (2015, p.212):

A compreensão da cidadania pelas feministas brasileiras teve uma trajetória histórica muito mais enraizada no contexto local do que a do discurso das relações de gênero. Produto dos movimentos sociais nascidos da luta contra a ditadura, a “cidadania” tornou-se um lema de arregimentação à medida que o processo de democratização avançava. Ao juntar “gênero” com as demandas por novos tipos de direitos, o que tinha se originado na teoria acadêmica se tornou discurso político no Brasil, transformando-se em instrumento de organização, além de categoria analítica.

Logo, apesar do início de um questionamento sobre a estruturação das normas de uma sociedade patriarcal, como pensar em um movimento que conseguisse de fato atingir as camadas sensíveis desse problema, tendo em vista que quando falamos sobre a relação gênero, corpo feminino e direitos, através de Almeida (2014, p.331) sabemos que desde as guerras tribais, o corpo das mulheres e os corpos feminizados sempre foram sugestionados de significado territorial, sendo ainda considerados corpos cuja existência só se dá através da custódia dos homens ao redor da mulher -podendo neste caso ser o pai, o irmão, ou o marido - que acompanharam o destino das conquistas e anexações dos grupos inimigos.

Portanto, percebe-se que existir um movimento que discorde de abusos que vem desde a antiguidade, nem sempre significa a abolição dessas maneiras de pensar o sujeito feminino.

No decorrer dos anos, o feminismo foi atravessando ambientes e foi se integrando nas diversas ferramentas disponíveis para o acontecimento do movimento, Ferreira (2015), aponta que a “Marcha das Vadias”, versão brasileira da Slut Walk que se originou no Canadá em 2011, é tido como um dos acontecimentos feministas mais importantes no Brasil, ocorrido na primeira metade da década de 2010, e é um exemplo notável da articulação e troca em ambiente digital e movimentação para a ocupação do espaço público. Isso demonstra a crescente transformação e adaptação do feminismo e a ocupação de diferentes meios de vivência. Também, é um reflexo de como a mobilização das mulheres em busca dos seus direitos acompanha a evolução da sociedade, quando se diz em formas de se pensar; como também em diferentes dialéticas; e em como utilizar das tecnologias para atingir objetivos.

No Turismo, a questão do feminismo é identificada na própria proposta deste projeto. Anteriormente, não seria identificada a importância de uma análise da demanda das mulheres sobre respectivos espaços de lazer ou ambientes turísticos, se não fosse a influência do feminismo na sociedade em que vivemos atualmente. Também, possivelmente não existiriam quaisquer referências que abrangessem os termos que aqui foram utilizados para compor o decorrer do trabalho, como as relações entre “risco e gênero” “rede de compartilhamento entre mulheres” “mulheres viajantes” e “construção de gênero”. Todos estes estudos, e estes termos são respostas de lutas que aqui foram citadas, e de demandas que já existem para solucionar problemas que ainda também, permanecem. Porém, como já identificados, há panoramas de serem solucionados. Visto que, se a questão feminista adentra a política e a vida cotidiana, portanto no consumo das mulheres, a discussão feminista tem lugar na reflexão sobre o Turismo.

2.1 .2 Empoderamento

Como uma transição, percebe-se o feminismo na vida das mulheres. Qual foi o resultado desse movimento no decorrer dos anos? O empoderamento feminino. A partir daqui, o objetivo é mostrar os reflexos da epistemologia sobre a palavra mulher e gênero, e conseqüentemente sobre feminismo durante esses anos. A fim de contextualizar o movimento durante as últimas décadas do século XIX, será utilizada uma das obras analisadas, sendo esta “O Movimento Feminista e a Luta Pelo

Empoderamento Da Mulher” de Mendes et al (2015), servindo então como base para o discorrimento destes conteúdos.

Por conseguinte, temos através de Mendes *et al* (2015, p. 90), que na Inglaterra o Movimento Women’s Suffrage (mulheres sufragistas) começou a eclodir. O movimento condizia com milhares de mulheres manifestando-se pela garantia de seus direitos, especialmente no direito ao voto. Logo mais, a conquista do sufrágio feminino vai acontecer em 1913 no Reino Unido, caracterizando então todo esse período como a primeira onda do feminismo. Isso determinou o movimento como político-social, que não temia o enfrentamento dos poderes públicos na garantia pela igualdade entre homens e mulheres.

No Brasil, a época da ditadura militar foi uma grande quebra do estereótipo feminino - aquele que condiz com uma mulher afeminada e pertencente ao lar - também, de acordo com Mendes *et al* (2015, p. 92), a mulher durante as guerrilhas armadas, enfrentando os militares contra o regime ditatorial, foi uma das primeiras manifestações do feminismo no país. Embora a palavra empoderamento talvez nem sequer fosse utilizada por tal movimento a fim de estimular as mulheres a pensarem de forma progressista, pode-se dizer que talvez em território nacional, essa seja uma das primeiras representações do empoderamento das mulheres.

Como uma medida punitiva pelas manifestações que ocorriam, muitas militantes foram exiladas do país. Como consequência, porém, as manifestantes tiveram contato próximo com as correntes feministas que ocorriam em Paris, e pelo continente Europeu. Essa troca oportunizou o crescimento do movimento em território nacional, e o que aconteceu também foi a aliança entre as ativistas da Europa para o fim da ditadura nacional, na luta pelos direitos das mulheres. Os grupos feministas então estavam criando força em território nacional, eles se alastraram conforme as demandas eram bem recebidas, houve também a penetração do movimento feminista em associações profissionais, partidos, sindicatos, legitimando a mulher como sujeito social.

Consolidando-se em esferas menores, o feminismo alcançou as classe mais populares, através da abordagem com textos marxistas e socialistas, criando na época grupos de disseminação de estudos em bairros mais afastados, acolhendo as minorias e ouvindo os sempre excluídos, elaborando propostas e políticas que mudassem a realidade dessas classes.

Adentrando a esfera constitucional, a obra se refere a Constituição de 1969, mostrando que a mesma detinha cunho machista e patriarcal. Onde a mesma propunha que “mulher devia prestar serviços sexuais ao seu companheiro sempre que o mesmo solicitasse ” (p.94). Porém, anos depois uma importante mudança em detrimento desta lei surgiu com a criação do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, através da constituição de 1988, que formalizou e consolidou a equidade de gênero. A nova constituição dispôs que “homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações”.

A partir disso, uma conquista para o movimento feminista no Brasil, anos depois ocorreu em 2006, sendo sancionada no Brasil a Lei Maria da Penha (Lei n. 11.340, de 7 de agosto de 2006), tornando-se esta uma das conquistas mais importantes, criada para coibir os diferentes casos de violência contra a mulher mas, sobretudo, a doméstica e familiar.

As autoras da obra referenciada, alegam ser muitas as conquistas ao longo desse percurso feminista, dentre eles direitos que garantem a cidadania feminina. Sendo assim, de acordo com Mendes *et al* (2015, p. 98) temos então que:

Cabe, enfim, considerar que o Movimento Feminista frente à luta pelos direitos das mulheres possibilitou grandes conquistas como direito ao voto, ao estudo, inserção no mercado de trabalho, divórcio e outras, consolidando uma maior participação feminina na sociedade.

Após essa base teórica sobre quais os reflexos do feminismo nas mulheres e em seus comportamentos, o termo anteriormente dito - Empoderamento - tem se tornado comum tanto nos meios acadêmicos quanto em órgãos governamentais, notadamente no contexto do discurso sobre gênero e desenvolvimento, servindo então o empoderamento das mulheres como um instrumento para o desenvolvimento, para a democracia, para erradicar a pobreza, etc. Assumindo uma responsabilidade perigosa, de acordo com o viés feminista. Contudo, o termo se dissipa e se faz presente principalmente nos discursos entre mulheres, (SARDENBERG, 2006, p.1).

Pode também ser visto como uma ferramenta do feminismo, de acordo com Lisboa (2008, p.3)

Os estudos feministas partem do pressuposto que o empoderamento das mulheres é condição para a equidade de gênero. O primeiro passo para o empoderamento deve ser o despertar da consciência por parte das mulheres em relação à discriminação de gênero: reconhecer que existe desigualdade entre homens e mulheres, indignar-se com esta situação e querer transformá-la.

Através desta citação, podemos perceber que esse reconhecimento pelas mulheres da desigualdade de gênero, e a consequente indignação e a demanda por transformação já estava presente na sociedade. As mulheres já indagavam por respostas, por transformações, e por mudanças. Como um agente de mudança, o empoderamento perpassa nas várias questões e problemáticas reais. Presente no campo de discussões sobre desenvolvimento, o empoderamento é visto por algumas ONGs como principal formas de combate à pobreza e de mudanças nas relações de poder, também, torna possível o entendimento do indivíduo como parte presente e responsável pelos seus direitos e deveres, exercendo então a participação por demandas de políticas públicas, devidamente então seu papel de cidadão, (LISBOA, 2015).

Temos, por Sarah Mosedale (2005, p.243-244), algumas percepções sobre o que empoderamento condiz. Primeiro, para alguém ser empoderado, o mesmo precisa estar desempoderado em relação à algo ou alguém. Exemplo, o empoderamento feminino demonstra que as mulheres estão desempoderadas em relação aos homens. Segundo, o empoderamento não pode ser introduzido por um terceiro, o mesmo pode ser apresentado através deste terceiro para alguém afim de facilitar o processo, mas o resultado deve partir de quem necessita ser empoderado. Assim sendo, mulheres podem criar condições favoráveis para as outras se empoderarem, apenas. Terceiro, a definição de empoderamento está na capacidade de serem tomadas decisões sobre a própria vida e serem capazes de realizá-las, podendo acontecer tanto em nível individual ou coletivo. Sendo normalmente essa resposta coletiva um resultado dessa consciência individual. E, por fim, tem se que o empoderamento é um processo contínuo, não há um estágio final desse processo. As pessoas são empoderadas, ou desempoderadas em relação a outros, ou então em relação a uma versão anterior de si própria.

Tendo em vista essa apropriação do termo Empoderamento pelo movimento das mulheres na busca por direitos iguais, pode-se pensar quais serão ou quais foram as novas demandas vinda do feminino com o passar dos anos, e com a resolução e

modificação de algumas injustiças praticadas anteriormente, é dado então espaço para o desenvolvimento de novas questões sociais através da consciência e empoderamento das mulheres.

Anteriormente uma grande discussão foi através e após o posicionamento das mulheres em tomarem pílulas anticoncepcionais, demonstrando terem controle dos seus corpos e das suas vontades no espaço matrimonial, o que fugia da normalidade para a época (CAMPOS, SILVA, 2014), hoje em dia já não está mais em pauta desta maneira. Assim, o empoderamento feminino passa pelo consumo turístico e pelo usufruto de direitos iguais aos dos homens, entre os quais os de ir e vir. Tendo em vista o crescimento constante de viajantes do sexo feminino em todo o mundo, a indústria de Turismo e Hospitalidade pode se beneficiar de estudos sobre essas questões já demonstradas em diversos trabalhos que retratam essas discussões, e que também são percebidas na realidade contemporânea, de mudança do querer feminino e na busca por igualdade quando pensado em usufruir espaços turísticos, (YANG ET AL, 2017).

Como estes direitos estão cerceados na atualidade, é emergencial pensar sobre políticas para melhorar a situação de desigualdade criada em cima dos definidos gêneros, e que tanto limita a vida da mulher. Assim sendo, o projeto de pesquisa e o projeto de turismo assumem estas questões para si.

Um exemplo de criação de políticas em espaços privados percebendo a insegurança feminina, é de que já existem andares exclusivamente femininos em hotéis. Implementado pelo Hotel Four Seasons em Riade e o Hotel Georgian Court em Vancouver, enquanto o Sofitel em Luxemburgo oferece quartos em andares superiores para viajantes do sexo feminino, contendo serviço de quarto entregue exclusivamente também por equipe feminina, (MAIDEN VOYAGE, 2014).

Claramente, a pesquisa não visa somente propor a elaboração de políticas de redução de danos à mulheres, criando quase que uma discriminação e segregação das mulheres vs homens. Pois temos de ter consciência de que fora destes espaços a realidade continua, e o problema não deve ser solucionado com medidas superficiais como essas. Mas sim, o objetivo é expor a profundidade real do problema de insegurança dentro de vários ambientes, a fim de buscar maneira de solucionar o problema verdadeiramente, ao decorrer dos anos, e que seja compreendido em vários âmbitos do mundo real.

2.1.3 Novas Questões Sociais

Tais mudanças identitárias das mulheres em relação à sua expectativa de vida e seus papéis exercidos numa perspectiva de sociedade e comunidade, principalmente as mais jovens, tem sido rupturas imensas. Tanto sociais, como também, políticas e culturais, entendendo que estariam levando a abalos estruturais entre os sexos, além de provocar desafios econômicos e de ordem civilizatória em grande escala, Almeida (2014, p.332-333). A saída massiva das mulheres dos seus nichos de trabalhos comuns e domiciliares, e outros muitas vezes não remunerados, altera todas as esferas sociais de funcionamento das políticas e normas de uma sociedade que até então, não notava as mulheres como cidadãs, ou seja, parte participativa da economia e dos âmbitos políticos. Antes, as esferas sociais receptivas a elas era somente vinculadas pela mediação do consumo: o trabalho e a família.

Portanto, questões sobre gênero e sexualidade, questões cabíveis a masculinidade e feminilidade estavam em constante abalo e dissolução.

Para aprofundar a temática sobre as questões sociais emergentes através e pelas mulheres, é necessário não esquecer que o feminismo propõe igualdade entre homens e mulheres, sem esquecer das diferenças históricas que os mesmos possuem (MENDES ET AL, 2015).

Após esse longo período de lutas por direitos mais básicos da vida da mulher, a necessidade do direito à cidadania igualmente aos homens se torna a essência. A conexão que visa-se fazer aqui, é o entendimento de que o gênero afetou todos os direitos e deveres dados às mulheres até então. Parafraseando Calió (1997, p.1), percebemos que “assumir a categoria de gênero significa identificá-lo a partir dos vários espaços onde ele se constrói: na cidade, na família, no mercado de trabalho, nas instituições, na subjetividade. “Entendendo então, que para darmos continuidade e adentrarmos no assunto que trate a mulher construindo seu cotidiano ou seu espaço de lazer na cidade, termos como “gênero” e “cidadania” não deve ser desconectados, é o que este trabalho propõe exercer.

2. 2 TURISMO E A SEGURANÇA FEMININA

Objetivando inserir as mulheres nesse papel de Viajante, ou pode-se dizer, Turista, ou até mesmo as Moradoras de uma cidade, neste caso especificamente Curitiba, compreende-se que para isto devemos discutir quais são as fragilidades inseridas no contexto feminino, quando as mesmas estão exercendo esses papéis, e quais são as dificuldades extrínsecas aos papéis dados a partir do dito sexo feminino.

Para isso, através da dissertação de Pós Graduação de (SIQUEIRA, 2015), que faz uma análise de obras nacionais e internacionais visando entender o porquê as mulheres sentem mais medo do que os homens em espaço público, nós teremos algumas perspectivas sobre o problema. Dado então pela autora, entende-se que o medo da mulher é um reflexo do patriarcado. A sensação de vulnerabilidade da mulher pela figura masculina é um produto da relação de dominação dos homens. Essa sensação pode ser dada tanto por experiências próprias da mulher, tanto por informações recebida por elas, ou percebida pelo androcentrismo no planejamento urbano.

Androcentrismo pode ser entendido como a base do sexismo e da masculinidade que, sob diferentes níveis, estão presentes nas diversas Ciências. Ele nos leva a entender os limites conceituais assim como os obstáculos dentro das disciplinas, (CALIÓ, 1997, p.2). “O impacto do Androcentrismo, é demonstrado então pela autora como a invisibilidade das mulheres na multidão urbana, ou seja, “elas estão lá, importantes para o cenário, mas insignificantes para a cena” (CALIÓ, p.3).

Voltando na esfera do medo, outro impacto percebido deste medo de sofrer algum tipo de violência é a comum mudança dos movimentos ou até mesmo a opção de restrição destes, limitando então o uso dos espaços públicos ou privados. (TAYLOR, 2011). Percebe-se também, através da tese, que a mulher vive diariamente algo como uma negociação do uso dos espaços. O que era pra ser algo natural, um roteiro ou um caminho, na verdade é a readequação da vontade de praticar tal caminho com os conhecimentos de tal localidade e o medo intrínseco a ela, “muitos dos roteiros e destinos aparentemente naturais escolhidos pelas mulheres são na verdade “estratégias de enfrentamento” que elas adotam para se manter seguras. ” (CALIÓ, 1997, p.2). A dominação para este tipo de sensação, violência real, medo, tem através do termo Violência de Gênero, sua explicação.

Este tipo de violência tem-se no histórico das diferenças de gênero, nos mais diversos espaços, e nas mais diversas representações sociais. Pode-se dizer então, que é um fenômeno social persistente e multiforme, articulado através de facetas psicológicas, morais, físicas e econômicas, tanto em nível micro ou macro sociológico (SAFIOTTI, 2001).

Apesar de existirem campanhas, leis protetivas em relação á mulher, e um notável avanço no aspecto jurídico, os casos de violências também tem se mostrado cada vez mais cruéis, pois ainda existe uma parcela conservadora que não aceita o Empoderamento da Mulher em relação aos homens e às suas próprias decisões perante a sociedade, e se mostram relutivos contra mudanças de pensamentos e de atitudes (SAFIOTTI, 2001). Concluindo esse acreditar, pensa-se ser necessária as palavras da autora, Almeida (2015, p.333) sobre violência:

Assim, todo tipo de violência contra a mulher é expressão de uma resposta emocional reativa, instrumentalizada dos homens para manter ou recuperar as fronteiras de gênero socialmente estabelecidas, mantendo ou defendendo as prerrogativas e os privilégios masculinos diante do rebaixamento que representam as margens de empoderamento físico, econômico e político, especialmente obtidos pelas mulheres nas três últimas décadas.

Esses argumentos, apesar de não adentrar nas diversas formas de violências que se é possível realizar a outro ser, e compreendendo não ser este também o objetivo do trabalho, o Marco Teórico sobre violência é a fim de evidenciar fatos de que essa problemática não é algo imaginativo, existem diversas pesquisas sobre violência de gênero com o propósito de demonstrar as raízes desta questão para a sociedade.

Quando falamos em raízes, válido é também falarmos sobre a construção da masculinidade, e sobre a “dominação” masculina que é perpetuada entre as gerações. Como uma forma de pincelar essa questão, buscando também retomarmos que gêneros são construções, e assim, o Masculino também, temos através de Bourdieu (2003, p.67), que “a virilidade, como se vê, é uma noção eminentemente relacional, construída diante de outros homens, para outros homens e contra a feminilidade, por uma espécie de medo do feminino, e construída, primeiramente, dentro de si mesmo”.

Durante o decorrer do pensamento de Bourdieu, temos através de (BARREIRA, 1999) que as formas de dominação masculina estão referenciadas na teoria do poder simbólico que se exerce por uma via de mão dupla, à medida que os dominados atuam aquilo que os domina esquemas que são produtos da dominação, fazendo de seus atos de conhecimento atos também de reconhecimento e dominação.

Portanto, esses pensamentos nos levam a crer que as definições de “masculinidade” deve também ser questionadas. Afinal, talvez sejamos todos produtos e vítimas de dominação estruturada.

2.2.1 As Mulheres Turistas E Moradoras

A abordagem do Turismo chega a essa pesquisa quase como uma consequência das “Novas Questões Sociais” demandada pelas mulheres quando as mesmas já se entendem como cidadãs, e passaram por momentos determinantes no processo de “Empoderamento”.

Como é possível então não pensarmos no medo da mulher que viaja sozinha, ou melhor, em visão grupal, de todas as mulheres que decidem por viajar sozinhas ou em companhia de outra mulher? Como dissociarmos este medo no dia a dia de uma cidade, quando se é mulher e os desejos simples por momentos de lazer se veem alterados por essas questões já explanadas? Não podemos pensar em respostas, se não compreendermos de onde vem os problemas. Acredita-se então, depois deste embasamento sobre o mundo das divergências que foi criado através da definição dos papéis dos gêneros, agora ser possível pensar e refletir sobre as mulheres que devem poder exercer suas necessidades / vontades em quaisquer tipo de experiência que estejamos nos referindo. Percebendo que estas mulheres que fogem da normalidade imposta pelo o que deveriam ser os seus “papéis” exercidos, podem ser visto como alvos de violência fáceis, justificáveis, e muitas vezes colocadas como as próprias causadoras das violências que recebem.

Especificamente sobre as turistas, através da obra “#queroviajarsozinhasemmedo”: novos registros das articulações entre gênero, sexualidade e violência no Brasil” de Piscitelli (2017), é possível absorver várias questões levantadas sobre mulheres viajantes. O título da obra, de acordo com a própria autora é uma alusão á diversas *hashtags* que movimentaram o Twitter no

início de 2016, em protesto contra a morte de duas jovens argentinas que viajavam em companhia da outra pelo Equador. Uma hashtag demonstrando a ânsia vinda de mulheres que desejam poder viajar sem temer, e sem ser colocada como a própria causadora de uma tragédia.

De acordo com a autora, várias opiniões antagônicas sobre o caso vieram a tona, em falas ou manchetes de jornais. Matérias essas que demonstravam uma visão negativa de duas turistas que viajavam sem uma companhia masculina. Exemplificando isto, tem-se a fala da vice- ministra do Equador, opinando ser esse fim quase que previsto, pois “ as meninas viajam de carona e buscavam festa”. Já na Argentina, um psiquiatra considerou essas turistas como “vítimas propiciatórias”, descrevendo-as como mulheres que assumem um alto risco e que de alguma forma, fazem parte do meio que mobiliza o crime, (PISCITELLI, 2017, p.6).

Como se é percebido, esse caso rendeu muitas visões demonstrando a culpabilização das vítimas. Ou seja, nos mostrou que muitos pensam que uma mulher, ao sair viajar, deve ter a consciência de que está correndo um alto risco de vida, e de que é previsto sofrer violências ao longo deste caminho. Sendo então, sua responsabilidade arcar com as consequências desta decisão.

No Peru, após várias hashtags estarem sendo usadas por internautas a fim de debater sobre o caso em ambiente digital, fez-se alguns estudos para analisar o que as pessoas estavam dizendo sobre o caso. Apesar de várias opiniões serem sobre o direito de viajar sozinha, ou melhor, sem a companhia masculina, muitas outras eram a fim de ensinar às mulheres a como se protegerem, evitarem danos em suas experiências aumentando a segurança e diminuindo a vulnerabilidade. Isso causou revolta em muitos sites e blogs que discutiram sobre o fato, analisando também a posição que muitas manchetes disseminavam no exterior, segundo eles, as jovens “estavam sozinhas” parafraseando a autora, “essas postagens destacam que o fato de tratar-se de duas mulheres, e portanto não estarem sós, foi ignorado em razão de elas não estarem em companhia masculina” (PISCITELLI , 2017, p.10).

Retomando as cidades para discorrer como objeto espelho da sociedade e do modo de vida atual, muitas vezes a violência nela são reflexos das atitudes dos habitantes. Com base na pesquisa divulgada em 2016, pela ActionAid e realizada pelo instituto YouGov no Brasil, Índia, Tailândia e Reino Unido, e ouvindo cerca de 2.500 mulheres com idade acima de 16 anos nas principais cidades dos quatro países anteriormente citados, obtivemos que: No Brasil, através de 503 mulheres

entrevistadas, de todas as regiões do país, todas alegaram já terem sido assediadas em suas cidades. Ainda, 86% destas mulheres disseram já ter sofrido assédio em locais públicos. Além do mais, o levantamento evidencia que o assédio em espaços públicos é um problema global. Visto que na Tailândia, 86% das mulheres entrevistadas, seguidas de 79% na Índia, e 75% na Inglaterra também já viveram o mesmo problema de assédio (ACTIONAID, 2016).

Percebendo assim a cidade como um aglomerado de complexos que alteram e atingem a realidade humana, e aqui mais especificamente, do sujeito feminino, tem-se a necessidade então de ser pensado em formas de mitigar e solucionar problemas de segurança contra o gênero feminino. Como alterar então a realidade das cidades, atingir as questões sobre violência contra as habitantes, tentando nem que seja alterar minimamente esses dados com ações, programas, projetos afim de deixá-la mais segura? Como uma fonte de informações, a Lei de Acesso à Informação (Lei 12527/2011) obriga órgãos públicos federais, estaduais e municipais (ministérios, estatais, governos estaduais, prefeituras, empresas públicas, autarquias) a ceder informações relacionadas às suas atividades a qualquer pessoa que solicitar tais informações.” (MOURA; MELO, p.1219, 2017). Portanto, dados estatísticos sobre segurança urbana, violência, habitantes e outros, podem ser usados como uma ferramenta a ser analisada e estudada, para então, dar abertura a mudanças. A Lei vale para os três Poderes da União, Estados, Distrito Federal e Municípios, inclusive aos Tribunais de Conta e Ministério Público.

Um exemplo direto de tentativa de alterar este panorama perigoso que as mulheres vivenciam diariamente, em relação à cidade e ao meio urbano, tem-se devido ao número enorme de denúncias de abuso sexual, no estado de São Paulo, o “vagão rosa” nos trens e metrô (um vagão exclusivo para mulheres). A criação em 2016, do vagão exclusivo foi uma medida, por hora, necessária para proteger as mulheres, por outro lado, a criação desse vagão criou uma linha tênue que talvez intensifica a ideia de culpabilização da vítima e aumenta a segregação entre gêneros pela visão de Mendes et al (2015, p.95-96).

Um projeto visando este mesmo objetivo, é o “Auditorias de Percepção de Segurança de Gênero e Qualidade de Caminhabilidade no Espaço Público”, criado em 2017 na cidade de São Paulo, por organizações da sociedade civil Red MÃS, SampaPé y Clímax Brasil (CADENA-GAITÁN ET AL, 2017). O projeto tem como visão, analisar quais e como as características e o processo de caminhabilidade

urbana nos espaços públicos interferem na sensação de Segurança de Gênero, e como a percepção desta segurança cria demandas específicas para a melhora da caminhabilidade. Colocando em tópicos os propósitos do projeto, estes seriam: 1) empoderar e sensibilizar as meninas e mulheres sobre a importância de pensar o espaço público e participar do planejamento e da gestão de uma cidade; 2) gerar dados para o desenho de políticas públicas urbanas, sociais e ambientais mais adequadas aos contextos de implementação, e apontar os problemas do desenho urbano que geram ambientes inseguros e incômodos para mulheres e meninas.

De acordo com os escritores deste Projeto, a finalidade principal do mesmo, é de que os planejadores "raramente incluem a perspectiva de gênero, embora a demanda por sua inclusão no planejamento urbano não seja nada nova" (CADENA-GAITÁN ET AL, 2017, P.212).

Percebendo a palavra "segurança" ter sido supracitada várias vezes ao decorrer do Marco Teórico até então, temos nota o quão essa palavra é relativa e subjetiva, ainda mais quando se pensa sobre a segurança das mulheres. Isso se justifica, de acordo com Entornos Habitables (2017) , pois a segurança urbana na perspectiva de uma mulher são experiências únicas para cada uma, e depende do número de fatores que se entrecruzam e afetam a sua vida cotidiana. Para complementar essa questão da significância de segurança na questão urbana, (ENTORNOS HABITABLES, 2017, tradução nossa) afirma:

¹ Analisar a segurança urbana a partir de uma perspectiva de gênero também envolve reconhecer como a violência machista e a percepção da (in) segurança diferencial de mulheres e homens estão intimamente ligadas e são o resultado do sistema patriarcal e, portanto, para melhorar a situação é necessário um trabalho aprofundado para promover uma mudança social em direção a uma sociedade mais igualitária.

Após a citação desta última obra, sendo uma Auditoria que discutiu a Segurança Urbana com a Perspectiva de Gênero na Habitação e no Meio Ambiente, percebe-se quão expansivo é esse tema, e o quão expandido ainda pode ser. Contudo agora,

¹ "Analizar la seguridad urbana desde la perspectiva de género también pasa por reconocer cómo la violencia machista y la percepción de (in)seguridad diferencial de mujeres y hombres están estrechamente vinculadas y son el resultado del sistema patriarcal y por lo tanto para mejorar la situación se requiere un trabajo en profundidad para fomentar un cambio social hacia una sociedad más equitativa." (p.16/17)

“segurança” pode ser entendido com essa vertente do gênero incluída no significado da palavra.

2.3 TECNOLOGIA NO TURISMO

A proposta do produto final deste trabalho é um aplicativo móvel para as mulheres, que visa contribuir para a cidade de Curitiba e servir então, como parte da infraestrutura de um produto turístico. Pois entende-se que a infraestrutura que compõe um produto turístico, é composta por “transporte e comunicações, facilidades”, segundo Barbosa (2009). Seguinte, este tópico tem o intuito de mostrar a importância de redes de compartilhamento na vida das mulheres, mas também, em como o turista é atingido pelas tecnologias hoje em dia, e como faz o uso das mesmas para o desenvolvimento da atividade turística.

A função da tecnologia nos dias atuais, é além de ser uma forma de interação horizontal, que significa um grande alcance de informação e que também proporciona proximidade entre os utilizadores, segundo Castells (2009, p. 1219). Um exemplo da funcionalidade da internet e de espaços de compartilhamento no âmbito virtual - mas que não é restrito a este meio - e sim objetiva alcançar resultados reais, é a rede Nina. A rede foi resultado da união de desenvolvedoras de tecnologias a partir de um grupo chamado Women Who Code Recife, que pensaram a segurança da mulher nos espaços públicos. Nina visa empoderar as mulheres a partir de um aplicativo que denuncie quaisquer tipos de violências em espaços públicos, com recorte inicial de transportes públicos. A partir das denúncias, o aplicativo une as usuárias numa oferta de apoio à vítima (MOURA, MELO, p.1221).

Para o Turismo, a tecnologia, e mais especificamente a tecnologia móvel está transformando as experiências de viagem. Os dispositivos móveis se tornaram um acessório padrão e cada vez mais comum para os consumidores turísticos, sendo eles passageiros hóspedes ou turistas, haja vista que essa tecnologia permite aos usuários a busca e o acesso à informação de maneira instantânea (AMADEUS, 2014).

O compartilhamento através das redes interativas por meio da internet, se dá através da troca de experiências, intercâmbio de relatos, e também conseguem oferecer um traço dos perfis dos respectivos usuários. As redes sociais atuam então como articuladoras, possibilitando uma maior visibilidade de conteúdos Filho et al,

(2017). Sendo assim no turismo, especificamente, conseguem ser um espelho da demanda de algum respectivo estabelecimento, serviço ou produto.

Para os donos de estabelecimentos, ou os responsáveis de algo que está disponível para crítica, sugestões, e avaliações, de acordo com Filho et al (2017), as relações estabelecidas dentro do mundo virtual, pode ser operado como uma oportunidade de estreitar o relacionamento com o consumidor final:

Além disso, servem como artifícios de análise do conteúdo gerado por pessoas que já tiveram a experiência por meio do consumo. Com isso, uma destinação ou empreendimento turístico são capazes de gerir de maneira oportuna sua comunicação com o usuário, interagir virtualmente para sanar dúvidas, queixas, demonstrando uma aproximação mais efetiva com o cliente (p.183).

Adentrando as utilidades dos aplicativos móveis para celular, temos através de Thomaz, Biz & Gândara (2013), que os aplicativos podem disponibilizar roteiros das destinações, opções de alojamento e possibilidade de efetuar compras online. Vários aplicativos online são percebidos como um suporte para os turistas, visto que através das plataformas, conseguem adquirir informações turísticas importantes.

Portanto, podemos dizer que as TICS -Tecnologia de Informação e Comunicação- abriram novos cenários e possibilidades de interação, fazendo hoje parte do Turismo. De acordo com Gomes et al (2017) , numa sociedade que hoje é hiperconectada, essas tecnologias de informação e comunicação facilitam os processos de compra e gestão das mesmas, e também a gestão dos destinos, fornecendo insumos para que o turismo cresça e evolua com esse cenário tecnológico presente.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 TIPO DE PESQUISA

Define-se a presente pesquisa como exploratória, pois entende-se que tem como objetivo a formulação de questões ou problemas com três finalidades: desenvolver hipóteses, aumentar a familiaridade do pesquisador com o ambiente, fato ou fenômeno para pesquisa futura e ou modificar ou clarificar conceitos, (MARCONI; LAKATOS ,2009).

No delineamento, tem-se Pesquisa de Campo que é “aquela utilizada com objetivo de conseguir informações ou conhecimento acerca de um problema para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese que se queira comprovar”, de acordo com MARCONI; LAKATOS (2009).

A pesquisa bibliográfica, ou seja, a revisão teórica se deu após a definição de três temas gerais: Gênero Feminino, Turismo e Segurança Feminina, e Tecnologia no Turismo. Após essa delimitação, para aprofundar as questões propostas da pesquisa e projeto, abrangeu-se os tópicos “A Luta Feminista”, “Novas Questões Sociais”, “Empoderamento”, e “As Mulheres Turistas e Moradoras”. Estes tópicos foram construídos ao longo do trabalho de maneira planejada, mas ao mesmo tempo, de forma orgânica. Compreendendo então a necessidade do próprio texto em relação a discussões que se interligassem para formar uma pesquisa sólida e significativa aos pesquisadores, e a sociedade de maneira geral. Os tópicos na ordem definida ao trabalho, demonstram as possibilidades grandiosas que se têm para explorar as questões de Gênero Feminino e Segurança Feminina, e que se fazem necessário para construir no entendimento do leitor quais as finalidades da pesquisa e o objetivo da mesma.

A abordagem do Turismo então chega a essa pesquisa quase como uma consequência das “Novas Questões Sociais” demandada pelas mulheres quando as mesmas já se entendem como cidadãs, e passaram por momentos determinantes no processo de “Empoderamento”, alguns justamente citados ao decorrer do estudo.

3.2 ABORDAGEM DA PESQUISA

A pesquisa que se faz presente aqui conteve os dois tipos de abordagem, ou seja, qualitativa e quantitativa. Buscou-se a integração das duas maneiras de se ver as questões, entendendo que um complementa e/ou sustenta o outro. Para análise do questionário usou-se uma abordagem quali-quantitativa, já para a análise da entrevista, a abordagem qualitativa se fez presente no contexto.

De acordo com Silveira e Córdova (2009) a pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas sim com o aprofundamento da compreensão de um grupo social e de uma realidade. Seguindo, a pesquisa quantitativa recorre à linguagem matemática para descrever as causas de um fenômeno, as relações entre variáveis, e “a utilização conjunta da pesquisa qualitativa e quantitativa permite

recolher mais informações do que se poderia conseguir isoladamente ” (FONSECA, 2002, p. 20)”.

3.3 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

Como instrumento de coleta de dados, temos o questionário presente no Apêndice do trabalho. Sendo escolhido como forma de abranger maior números de pessoas simultaneamente, mesmo que em ambiente virtual, obtendo respostas mais rápidas e precisas, e também tendo um menor risco de distorção, pela não influência do pesquisador. O questionário possui variáveis formas de perguntas, sendo assim, há perguntas de múltipla escolha; perguntas fechadas; e algumas perguntas em escala Likert (valorativas), com o objetivo de identificar a importância de cada questão ou afirmação (MARCONI, LAKATOS, 2009).

Um questionário na sua maioria com perguntas valorativas será feita de forma a adquirir conhecimentos específicos sobre o que causa insegurança nas mulheres, quando as mesmas estão percorrendo a cidade nos locais públicos, como também, quando estão em espaços que se assemelham aos estabelecimentos privados escolhidos. A fim de consequentemente, entender o que ao ponto de vista delas, poderia ser alterado ou incluído nos espaços para causar mais conforto e segurança às mesmas. O questionário será disponibilizado em meio digital, mais especificamente através de grupos e redes que seja destinado à mulheres viajantes; mulheres que utilizam essas áreas em Curitiba. Após isso, uma entrevista semi estruturada será aplicada às usuárias destes espaços, para explorar as questões que a pesquisa está propondo questionar. Objetivando então, respostas mais aprofundadas nos temas.

Foi definido entrevista também como instrumento pois, acredita-se de acordo com Marconi; Lakatos (2009), que entrevista é uma conversação de natureza profissional, sendo um importante instrumento de trabalho nos vários campos das ciências sociais ou de outros setores de atividade. É um instrumento utilizado para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social. A demarcação dos entrevistados se iniciou já anteriormente à pesquisa, quando definiu-se que seria sobre insegurança das mulheres. Portanto, mulheres que utilizam os espaços definidos no recorte da aplicação da pesquisa.

Acredita-se a partir daqui, já possuímos material para entendermos o primeiro problema da pesquisa: a) “Quais as demandas das mulheres viajantes e das moradoras locais de Curitiba em relação à segurança nos equipamentos de lazer da cidade?” Com base nas respostas, a proposta do projeto entra em questão: b) “A elaboração de um aplicativo para mulheres, a partir da identificação da demanda, seria útil como produto para colaborar na solução ou mitigação do problema de insegurança feminina no espaço público e, especificamente, em equipamentos de lazer e entretenimento em Curitiba?”

Para os responsáveis dos estabelecimentos selecionados, será feito uma entrevista com perguntas semi-estruturadas, pretendendo responder à questão objetiva específica: a) “Identificar se há e quais as ações direcionadas dos estabelecimentos ao público feminino que frequenta esses locais”. Portanto, a entrevista terá como objetivo analisar se é percebido a problemática da insegurança da mulher por parte dos responsáveis ou não, e como isso implica no funcionamento do local.

3.4 RECORTE

Quanto aos espaços e estabelecimentos, esses foram escolhidos pela relevância em sites de compartilhamento de experiências e avaliação, muito usado também por turistas. Na definição dos locais escolhidos como objeto da pesquisa, pensa-se em locais com grande fluxo de moradores, e também de turistas na cidade de Curitiba-PR. Tendo assim:

Locais: Largo da Ordem: Foi delimitado o seguinte espaço pelo alto fluxo de turistas e moradores que frequentam o local, também, por ser encontrado nesta localidade um grande número de bares e restaurantes da cidade.

Parques da cidade: Selecionados os parques mais visitados da cidade por turistas, além de ter uma frequência grande de moradores.

Estabelecimentos: (Bares e Baladas). Pensa-se este nicho baseado em notícias de agressões contra mulheres que já houveram em estabelecimentos deste tipo. Vários casos foram relatados por notícias de jornais, em várias regiões do Brasil, inclusive em Curitiba.

3.5 ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados dos questionários será através de tabulação simples, e a análise das entrevistas se dará através do emparelhamento teórico.

A interpretação dos dados foi efetivada pelo emparelhamento teórico, comparando o resultado da pesquisa e o referencial teórico estruturado. Emparelhar consiste “em associar os dados recolhidos a um modelo teórico com a finalidade de compará-los” e, para isso, é indispensável o aporte teórico para subsidiar o pesquisador, atentando se há correspondência entre a construção teórica e a situação observada (LAVILLE; DIONNE, 1999).

Na tabulação simples dos dados quantitativos utilizou-se gráficos para a amostragem dos resultados. Sendo a tabulação o processo de agrupar e contar os casos que estão nas várias categorias de análise, (GIL, 1999).

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PESQUISA

4.1 APRESENTAÇÃO DOS DADOS COLETADOS

Essa pesquisa nasceu da percepção de uma vivência feminina ocupando vários espaços, estando em ambientes variados ao longo da vida, e carregando consigo o olhar curioso, há várias questões que permeiam seu meio. Não apenas um olhar à sua realidade, mas buscando captar necessidades de cunho pessoal também com viés social, sendo assim, algumas hipóteses e objetivos foram sendo criados e pensados ao longo deste estudo.

Relembrando as necessidades que a pesquisa objetivou suprir, ou alcançar de certa forma, dados qualitativos e quantitativos foram coletados para uma maior confiabilidade dos dados e também outras formas de visualizar uma mesma questão, ou várias questões. Sendo assim, um questionário foi criado no GoogleDocs - plataforma do Google para criação de diversos tipos de questionário - e aplicado em ambiente virtual, onde o mesmo abrangeu cerca de 157 mulheres em menos de um mês sendo divulgado. As mulheres sendo elas de Curitiba ou não, onde o mesmo foi compartilhado em diferentes plataformas virtuais e redes sociais, sendo eles: Grupos de Estudantes do próprio curso de Turismo da UFPR; de outros Cursos da UFPR; Outras Universidades com que a pesquisadora tem contato; Coletivos Feministas; e

Coletivos LGBTQ+. Com o objetivo de dissipar o questionário e obtermos diversos perfis dessas pessoas, sendo então possível termos dados quantitativos.

O instrumento utilizado para a coleta dos dados, - o questionário- foi criado como anteriormente dito, a fim de obter resposta sobre o primeiro problema da pesquisa, no qual se dá por: " a) "Quais as demandas das mulheres viajantes e das moradoras locais de Curitiba em relação à segurança nos equipamentos de lazer da cidade?"

O Questionário possuiu cerca de 26 questões, demonstrado no Apêndice, visando obter dados socioeconômicos, a fim de compreendermos qual público de mulheres e realidades estamos estudando, e consequentemente quais lacunas a pesquisa não irá abordar, ou perspectivas que o trabalho não é capaz de dialogar por conta de falta de dados. Apesar da grande tentativa e esforço em fazer com que o questionário alcançasse as mais variadas realidades, e perfis destas mulheres, pois foi divulgado em diversos grupos; o meio acadêmico particularmente falando da Universidade Federal do Paraná, que é onde a pesquisa se originou e foi desenvolvida, tem algumas similaridades entre as participantes. Criando então uma maioria evidente nos dados quantitativos. Exemplo disto é a questão de Cor; Profissão; Idade; Renda Mensal.

Após termos estas questões em mente e ainda discorrendo sobre o questionário, as primeiras oito considerações abordadas são as socioeconômicas. Norteando a pesquisa com o intuito de entendermos como é a realidade destas mulheres das quais foi possível alcançar. Permitindo também a demonstração da qual não foi alcançada através da pesquisa, possibilitando então a autoanálise para indagações futuras.

O próximo eixo do questionário, ou como melhor dito, as próximas 12 perguntas do questionário são objetivando compreender a questão da Segurança Feminina percebida por elas em espaços da cidade de Curitiba/PR. Espaços esses definidos pela relevância na vida de um morador da capital, como quanto presente em vivências turísticas. Sendo assim, as perguntas se direcionam ao Largo da Ordem, um dos pontos turísticos mais visitados e frequentados da cidade, permeando a questão de segurança urbana. Os Parques mais visitados de Curitiba também foram colocados para análise da segurança urbana. E os Bares e Baladas das regiões mais frequentadas de Curitiba, descritos no questionário, também, para avaliação. Nesse contexto, o objetivo também era avaliar como Curitiba se relacionava com a

questão de segurança do gênero feminina e a percepção dada por este próprio gênero sobre esta questão.

As últimas 6 indagações pretenderam entrar mais afundo na questão de Segurança do Gênero Feminino e Suas Demandas em relação ao caminhar pela cidade no momento de lazer e utilizar desses espaços no dia a dia ou em momentos específicos, nos espaços anteriormente avaliados. Contendo também, interrogações sobre o Projeto de Pesquisa que se objetiva criar, e com isso entendendo a real importância e necessidades que o mesmo teria a possibilidade de oferecer.

A Entrevista como instrumento de coleta de dados de forma qualitativa foi realizada em dois estabelecimentos entre os 10 selecionados. Com perguntas semi-estruturadas, pretendendo responder à questão objetiva específica: a) "Identificar se há e quais as ações direcionadas dos estabelecimentos ao público feminino que frequenta esses locais". Como dito, houveram diversas tentativas de contato para a realização da entrevista por diversos meios, porém apenas os estabelecimentos A e B disponibilizaram tempo. Houve outras duas tentativas, porém não houve mais contato por parte dos estabelecimentos.

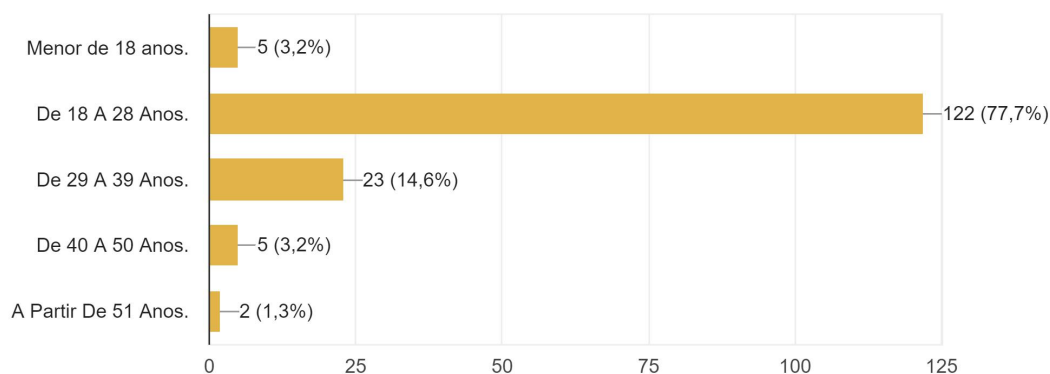
O PERFIL SOCIOECONÔMICO

No total das perguntas do questionário, as iniciantes eram questões sobre a socioeconomia delas, no entanto, demonstrado aqui estão as mais relevantes para a amostragem dos dados e a futura análise. Sendo assim, o perfil socioeconômico das mulheres que responderam o questionário desenvolvido é demonstrado nas questões a seguir. A primeira questão do questionário é sobre a idade das mulheres que a pesquisa alcançou (Figura 1):

Figura 1 - Faixa Etária

1. Qual a sua faixa etária?

157 respostas



FONTE: Própria (2019).

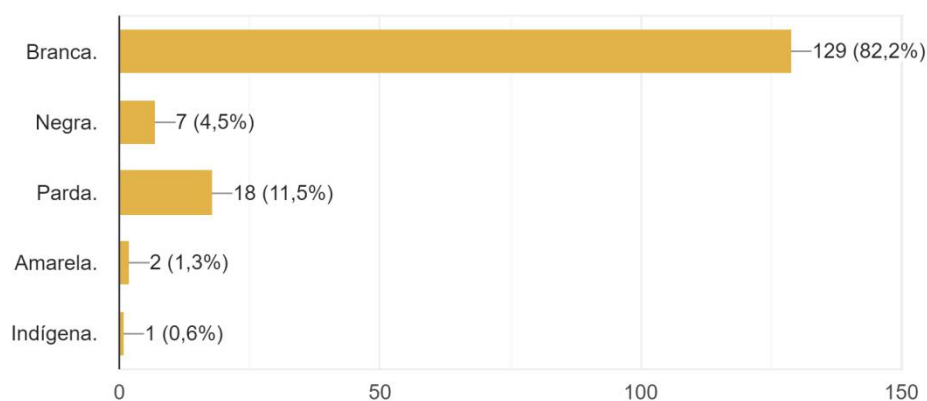
Sendo então a maioria das mulheres entre de 18 a 28 anos, sendo a segunda opção a faixa etária de 29 a 39 anos.

Sobre a classificação usada pelo IBGE, e uma questão importante a se ter conhecimento, é sobre como as mulheres se autodeclararam em relação à sua cor (Figura 2):

Figura 2 - Classificação de cor IBGE

3. Considerando a classificação usada pelo IBGE, como você define a sua cor?

157 respostas



FONTE: Própria (2019).

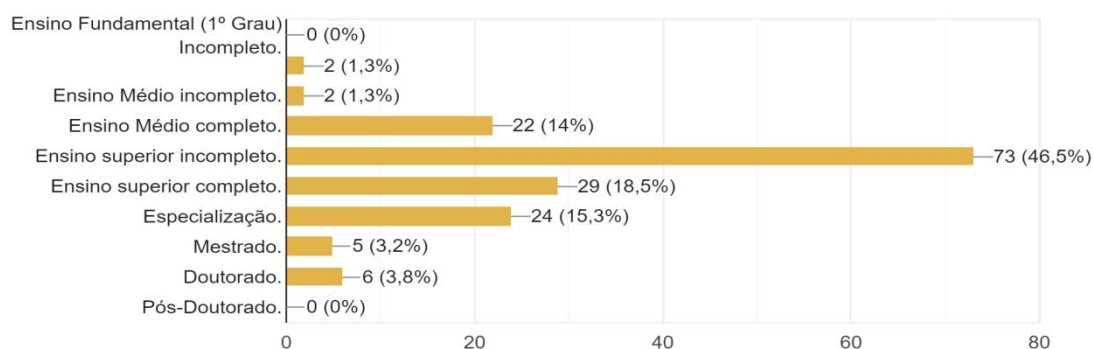
A sua maioria então, branca, com 129 mulheres se identificando como tal (82,2%). A segunda opção mais assinalada é Parda, com (11,5%).

Sobre o grau de escolaridade máximo dessas mulheres, a grande maioria das mulheres assinalaram “Ensino Superior Incompleto”, possuindo um número aproximado as próximas alternativas: “Ensino Superior Completo; e Especialização”, (Figura 3).

Figura 3 - Grau de Escolaridade

4. Qual o seu grau máximo de escolaridade?

157 respostas



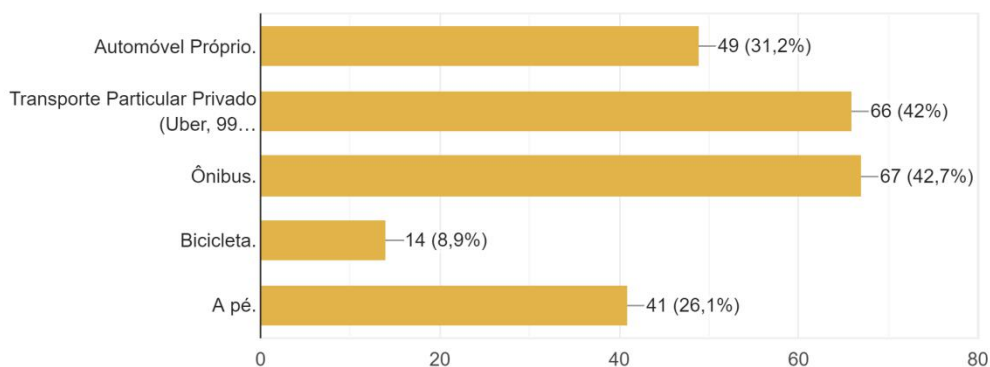
FONTE: Própria (2019)

Outra questão que se faz importante termos conhecimento sobre as respondentes, é em relação ao transporte mais utilizado nos momentos de lazer (Figura 4):

Figura 4 - Transporte

6. Qual o principal meio de transporte utilizado por você nos momentos de lazer?

157 respostas



FONTE: Própria (2019).

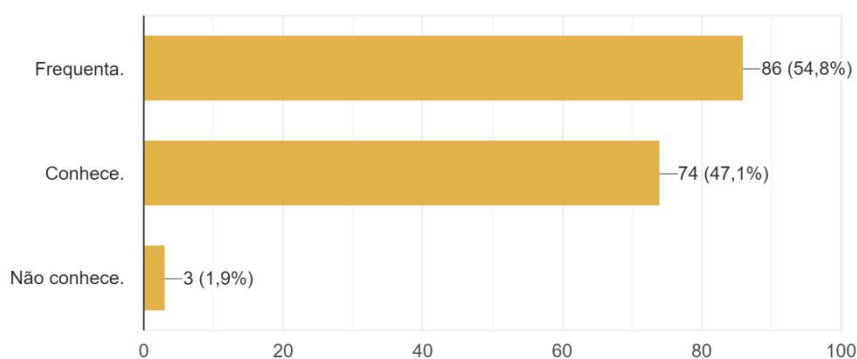
Havendo nessa questão números aproximados, mostrando uma diversidade maior em relação a utilização do transporte em momentos de lazer. Transporte público (Ônibus), com 42,7% dos votos como o mais utilizado. O próximo mais utilizado se deu por Transporte Particular Privado (Uber, 99,...), com 42%. Depois, o mais assinalado é o Automóvel Próprio.

O LARGO DA ORDEM

Figura 5 - Largo da Ordem

9. Sobre o Largo da Ordem em Curitiba, você:

157 respostas



FONTE: Própria (2019).

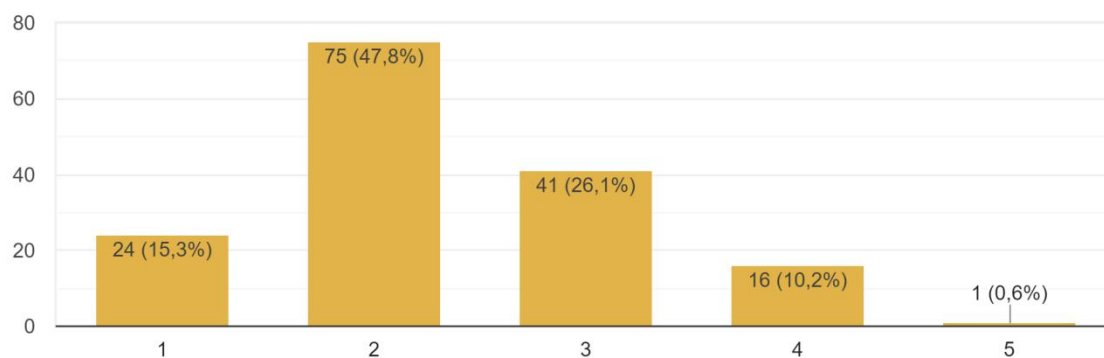
As duas opções para se assinalar, deu-se pensando na resposta que mais condiz com a frequência que a respondente vai ao local (Figura 5). A maioria diz frequentar (54,6%), ou seja, entende-se ir com uma certa frequência ao espaço do que somente raras vezes. E a outra opção, também bastante assinalada, é de que apenas Conhece (47,1%). Apenas 3 pessoas afirmam não conhecer o Largo da Ordem.

Avaliando a sensação de segurança no Largo da Ordem, (47,8%) afirmaram se sentir insegura, sendo (26,1%) assinalando a sensação de indiferença sobre este assunto no local (Figura 6).

Figura 6 - Segurança no Largo da Ordem

10. Em uma escala de 1 a 5, avalie a sua sensação de segurança neste local. Sendo: (1) muito insegura (2) ins...iferente (4) segura (5) muito segura.

157 respostas



FONTE: Própria (2019).

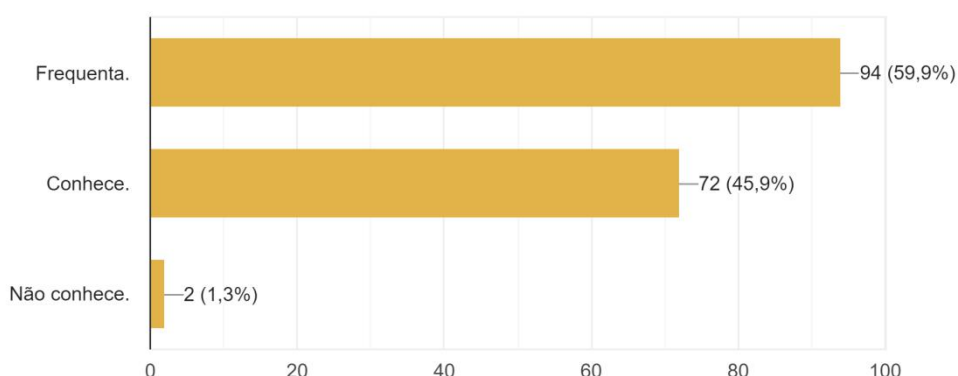
OS PARQUES DA CIDADE

Desta vez analisando a frequência e a relação das mulheres com estes Parques selecionados por serem os mais relevantes em pesquisas na internet, em sites de recomendação, temos que (Figura 7):

Figura 7 - Parques de Curitiba

13. Sobre os parques de Curitiba (Parque Barigui; Jardim Botânico; Parque Tingui; Parque Tanguá; Passeio Público...o; Bosque Papa João Papa II), você :

157 respostas



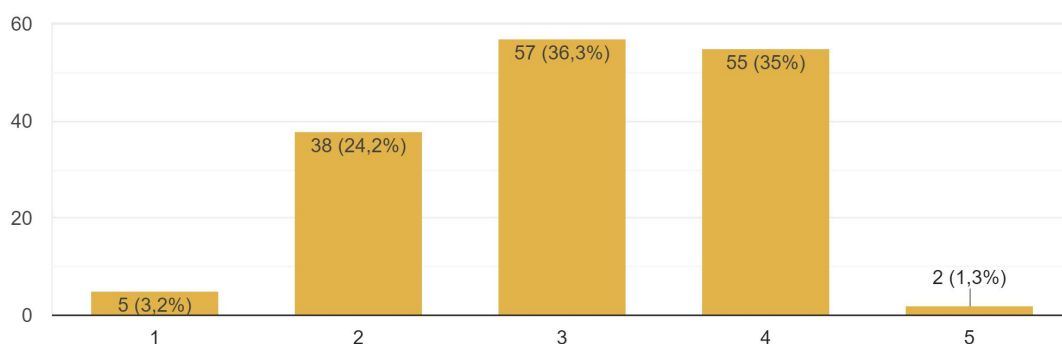
FONTE: Própria (2019).

Demonstrado que 59,9% das mulheres frequentam os parques. E 45,9% conhece. Avaliando a Sensação de Segurança nestes Parques, o mesmo se mostrou como (Figura 8):

Figura 8 - Segurança nos Parques

14. Em uma escala de 1 a 5, avalie a sua sensação de segurança nos parques da cidade. Sendo: (1) muito ins...ferente (4) segura (5) muito segura.

157 respostas



FONTE: Própria (2019).

O ponto central dessa resposta se deu na alternativa de número 3, sendo então “Indiferente” o mais assinalado. Com pouca diferença, tem-se o “Segura” sendo a segunda opção mais votada.

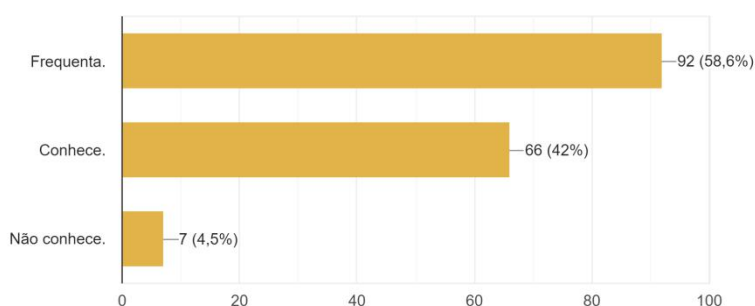
BARES E BALADAS

Sobre os Bares e Baladas das Regiões mais conhecidas por possuir estabelecimentos deste tipo, com alta relevância na cidade em sites de recomendações, temos que (Figura 9):

Figura 9 - Baladas e Bares

17. Sobre as Baladas e Bares de Curitiba. Regiões: Centro. São Francisco. Batel. Você:

157 respostas



FONTE: Própria (2019).

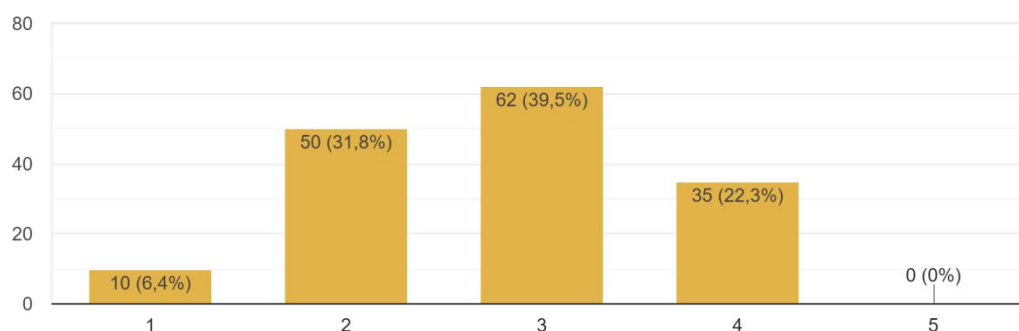
58,6% das mulheres frequentam estes espaços, mais que a metade. 42% conhece.

Sobre a Sensação de Segurança nos Bares e Baladas, 39,5% assinalou “Indiferente” essa percepção, outro número significativo é de 31,8%, que afirma se sentir “muito insegura”, e 22,3% diz se sentir “segura” (Figura 10).

Figura 10 - Segurança nas Baladas e Bares

18. Em uma escala de 1 a 5, avalie a sua sensação de segurança nestas baladas e bares: (1) muito insegura (2) ...iferente (4) segura (5) muito segura.

157 respostas



FONTE: Própria (2019).

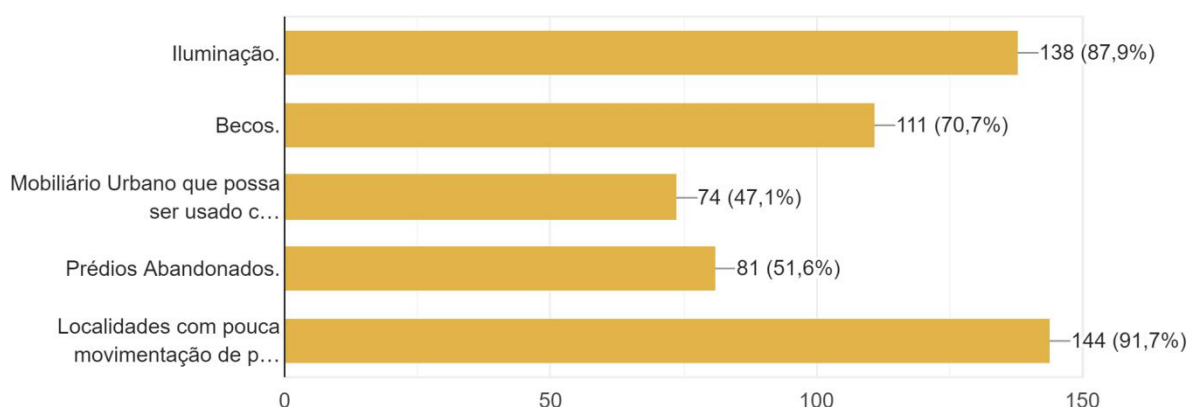
PERCEPÇÕES E DEMANDAS NOS ESPAÇOS

Retomando o propósito pelo qual o questionário foi criado, as demandas percebidas nos espaços são demonstradas através dos gráficos a seguir e serão contempladas na Interpretação e Análise. Os gráficos se dão de diversos formatos, com o intuito de ser o mais claro possível. Alternativas foram elaboradas para aproximar a compreensão das demandas do gênero feminino -como turista ou moradoras- , nos diversos espaços.

Figura 11 - Aspectos urbanos e medo

22. Nos espaços ao ar livre, quais aspectos urbanos da cidade auxiliam no medo de frequentar esses espaços? As...ernativas mais relevantes para você.

157 respostas



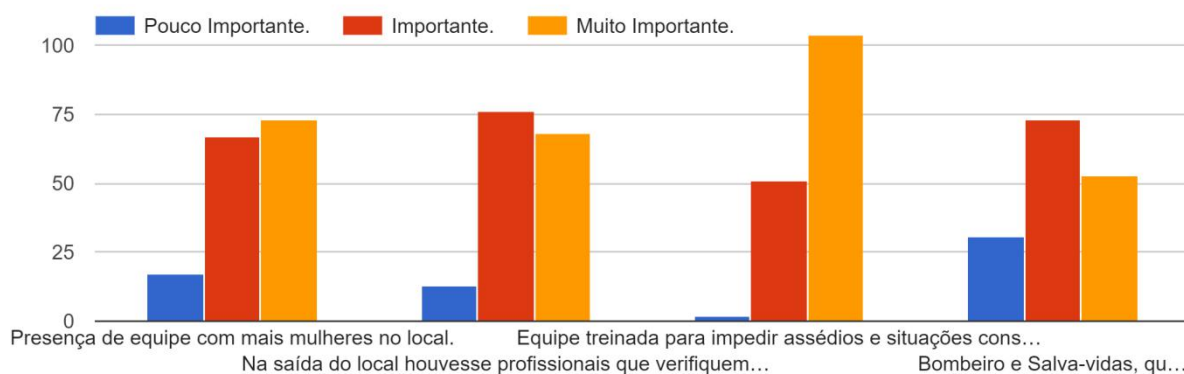
FONTE: Própria (2019).

“Localidades com pouca movimentação de pessoas” (91,7%) é uma das causas que mais auxiliam no medo de frequentar os espaços ao ar livre pela cidade. Em seguida temos “iluminação” (87,9%) destes espaços, entendendo aqui pelo fator de iluminação precária. Logo após temos “Becos” (70,7%) assinaladas (Figura 11).

Nos Bares e Baladas de Curitiba, a sentença mais avaliada como “muito importante” é “Equipe treinada para impedir assédios e situações constrangedoras as mulheres”. Em segundo, “Presença de Equipe com mais mulheres no local” foi o mais votado. “Bombeiro e Salva-Vidas, quando presente, que se identifiquem como feminino.” foi a mais avaliada como “pouco importante” (Figura 12).

Figura 12 - Demanda nos Bares e Baladas

23. Avalie cada sentença. Nos Bares e Baladas, o que você acredita que te causaria mais segurança?

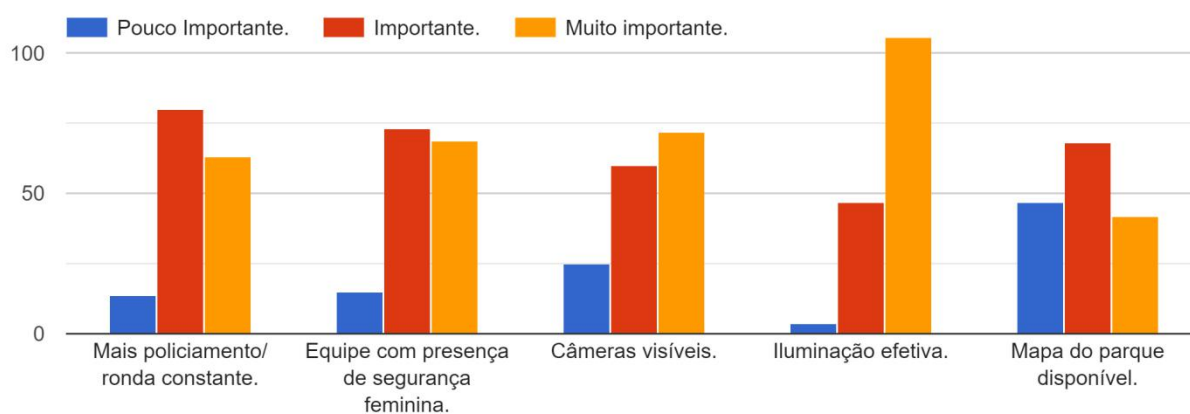


FONTE: Própria (2019).

Agora nos Parques da Cidade, através dessas possibilidades criadas a fim de perceber o que as mulheres acreditam deixá-las mais seguras ou causar a sensação de mais segurança, a “Iluminação efetiva” ganhou destaque com “muito importante”. Em segundo, “câmeras visíveis” foi colocado como “muito importante”. E “Mapa do parque disponível” foi considerado de menor relevância (Figura 13).

Figura 13 - Demanda nos Parques

24. Em relação aos parques, o que te causaria mais sensação de segurança na permanência? Avalie cada sentença.



FONTE: Própria (2019).

4. 2 INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Após a amostragem acima dos dados de forma sistêmica, objetivando primeiramente compartilhar os dados relevantes à pesquisa, a análise se dará a seguir. Através desses dados, temos então a percepção de um público entre 18 a 39 anos, a maioria se autodeclarando de cor branca. Possuindo acesso a níveis relativamente altos de educação formal, em processo de uma formação superior ou até mesmo pós-graduação na área escolhida. As mulheres abordadas utilizam transporte na sua maioria, público, e/ou compartilhado através de aplicativos de transporte particular privado, com também um número significativo de mulheres que geralmente preferem andar “a pé ” para se movimentar.

Sobre os espaços de forma ampla, muitas mulheres frequentam o Largo da Ordem e muitas também se sentem Inseguras ou Indiferentes. Já nos Parques da Cidade, tem-se um percentual maior de mulheres que costumam frequentá-los, em comparação com o Largo. Com uma porcentagem muito próxima, foi assinalado as opções “Indiferente”, e “Segura”, sobre a sensação das mulheres respondentes quando estão nos Parques da Cidade. Nos Bares e Baladas, mais da metade do público diz frequentar esses espaços, além de conhecê-los. Sobre a percepção das mulheres em relação à segurança nesses locais, a opção com o percentual mais alto diz se sentir “Indiferente”, sendo o segundo “Insegura”. Não havendo nenhuma pessoa afirmando se sentir “muito segura” nos bares e baladas da região, sendo então o único dos três espaços a não possuir nenhum voto em “muito segura”.

Sendo assim, a) “Quais as demandas das mulheres turistas e das moradoras de Curitiba em relação à segurança nos equipamentos de lazer da cidade?”.

Pois bem, como exposto, localidades com pouca movimentação de pessoas teve quase uma totalidade de votos no sentido de potencialização do medo, corroborando com esse fato, temos através da Dissertação de Pós- Graduação de Siqueira (2015), onde a mesma desenvolveu sua pesquisa “POR ONDE ANDAM AS MULHERES? Percursos e medos que limitam a experiência de mulheres no centro do Recife”, em que um dos resultados das questões que a autora levantou também se mostrou o mais indicado como um caminho seguro, o fato de ser um caminho com muitas pessoas circulando. A autora argumenta que a infraestrutura para receber os pedestres as vezes pouco importa, mas o realmente significativo é necessidade de gente circulando, também chamados de vigilantes naturais.

Quando falamos do aspecto urbano e na utilização deste meio, temos que a iluminação se faz presente como uma demanda em várias questões desta pesquisa, e a falta dela sendo demonstrado como um fator que causa grande sensação de insegurança, e aqui entende-se por uma iluminação oferecida de forma precária. Parafraseando Siqueira (2015, p. 1) “com maior ou menor intensidade, a rua, a escuridão, a presença masculina, o medo do espaço público eram constantes no cotidiano de muitas mulheres” captamos e nos permite a reflexão a respeito da questão de que a escuridão presente, ou a falta da iluminação efetiva violenta as mulheres. Após isso, becos são demonstrados como fatores potencializador também. Atrelando a isso, nos Parques da cidade e no Largo da Ordem, quando questionadas o porquê de não irem sozinhas ao espaço, alguma delas assinalaram a opção “eu não vou sozinha pois sinto medo do trajeto”. Esses aspectos assinalados e dispostos no questionário são de ordem urbana que afetam negativamente o cotidiano de uma mulher, nos fazendo então lembrar do pensamento de Taylor (2011), quando a mesma diz ser comum a mudança dos movimentos, até mesmo a restrição destes, causando a limitação do uso de espaços públicos e até mesmo privados. Quase que se torna imperceptível essa alteração dos caminhos tomados por elas, esta constante negociação da caminhabilidade. Essa negociação do trajeto a ser realizado durante o andar pelos cenários na vida de um indivíduo, não pode ser considerada igual quando nos referimos ao gênero masculino e sua vivência. Um grande demonstrador desta diferente percepção de insegurança e medo está presente na pesquisa realizada pelo IPEA (2012), o Sistema de Indicadores de Percepção Social (SIPS), sobre segurança pública:

A grande maioria das mulheres, 72,2%, sente muito medo de assalto à mão armada. No caso dos homens, a metade (50,3%) está na mesma situação. Essa é a tendência presente em todas as perguntas dessa parte da pesquisa: 71,3% das mulheres têm muito medo de serem assassinadas, contra 51,7% dos homens; 70% das mulheres apresentam muito temor quanto a um possível arrombamento de suas residências, contra 50,9% dos homens. Finalmente, 64,7% das mulheres temem muito serem vítimas de uma agressão física ao estar nas ruas, enquanto essa parcela é de 42,3% entre os entrevistados do sexo masculino. (p.5)

De acordo com Siqueira (2015), esses dados fornecidos pela pesquisa fortalecem o entendimento de que o medo está presente na vida dos brasileiros e das brasileiras, porém são as mulheres que relatam conviver com esse sentimento

de medo com maior potência. O medo delas está relacionado à sua integridade física e as diversas violências que lhes podem ser direcionadas. Já os homens sentem mais medo dos crimes relacionados ao patrimônio, e sua residência.

Essas opções demonstradas parecem fatos simples de serem alterados quando nos referimos ao planejamento urbano de uma cidade, contudo, no referencial teórico a fim de ser compreendido esse planejamento, uma das questões que se abriram no decorrer do trabalho, é o porquê das mulheres sentirem mais medo do que os homens em espaço público? Essa questão fez abrir vários outros caminhos a serem percorridos para um entendimento a nos direcionar na pesquisa. Um dos argumentos iniciais a essa problemática, é o fato da mulher ser um reflexo do patriarcado (SIQUEIRA, 2015), pois a sensação da mulher de vulnerabilidade se dá justamente pela relação de dominação dos homens sobre a figura feminina.

Fazendo a relação com os problemas urbanos e com a discussão de gênero, temos o Androcentrismo, um resultado presente em várias formas de estudo, e não sendo diferente, se faz presente em diversos espaços de aplicação de conhecimentos presente na sociedade. Segundo (Calió, 1997), um dos impactos causados por esse modo de pensar as coisas, é a invisibilidade da mulher quando o assunto é planejamento, estudo, aplicação e criação de políticas. No pensar dos cenários elas estão presente, porém são percebidas de uma forma insignificante, ou seja, “misturada na multidão, a mulher vive uma falsa impressão de igualdade de uso e de mobilidade urbana.” (CALIÓ, 1997, p.5).

Claramente o Androcentrismo está presente trabalhando a questão de planejamento urbano em espaços públicos, isso demonstra a falha de não pensar nas questões do gênero feminino e suas necessidades. Não reconhecer a mulher como alguém que utiliza esses vários espaços como forma de exercer suas atividades de cidadã que trabalha, estuda, é moradora, como quando também exerce o papel de turista, visitante, frequentadora de espaços de lazer, Costa (2013) corrobora com isso através do pensamento de que, “os lugares da mulher são o supermercado, a feira, posto de saúde, a escola das crianças, verdadeira extensão do espaço privado da casa, do lar, ou seja, o espaço público admitido para as mulheres é o “espaço expandido do lar”.

Sobre a opção “Mais policiamento/ Ronda constante” ter sido pouco assinalada como algo importante, ou que causaria mais a sensação de segurança, seja explicado através do pensamento de Jacobs (2001), de que a paz urbana e o

estabelecimento desta não deve ser determinado pela presença de policiamento e sim pela presença de uma rede intrincada. Rede intrincada como sendo padrões de comportamentos espontâneos adquiridos inconscientemente pelas pessoas, sendo aplicados também inconscientemente por elas.

A caminhabilidade exercida pelas mulheres no dia a dia em Curitiba pode ser notada quando mais que a metade do percentual assinalaram frequentar os Parques da Cidade, e muitas frequentam o Largo da Ordem, que se situa na região central da cidade, e a visitação ocorre na sua maioria, a p . Também pode ser percebido quando se nota que a maioria das respondentes dizem utilizar transporte público, e se somarmos o percentual de mulheres que afirmam “ir a p ” e utilizar “bicicleta”, o resultado se sobrepõe a “possuir automóvel próprio” - o que é um diminuinte da caminhabilidade -. Por conseguinte, esses dados nos mostram que há uma utilização dos espaços, mesmo sofrendo com o processo de androcentrismo presente nesses locais, e o fato de haverem sensações de indiferença e insegurança.

A cidade de Curitiba, ou melhor, em âmbito nacional e até internacional deveria tratar o caminhar das mulheres como algo a ser estudado e planejado, diga-se isso pelo fato de ser possível constatar o quão importante isso - se desenvolvido - pode ser para as mulheres, como também para a sociedade num todo, determinando a qualidade de vida. O livro “M s all  de los límites, Apuntes para una movilidad inclusiva (2017)”, através de tradução nossa, nos traz percepções sobre isso:

[...] considerando que para promovermos a mobilidade ativa que gera baixas emissões de carbono, não basta melhorar a infraestrutura das cidades, mas também suas dinâmicas de ocupação. Nesse sentido, analisar como os elementos da caminhabilidade podem influenciar a percepção de segurança de gênero e como a percepção de segurança de gênero cria demandas específicas para a promoção da caminhabilidade. (p.212).²

Portanto, nos mostra como o bem estar de um todo colide com as demandas e realidades de um grupo. O livro traz apontamentos sobre o qu o a caminhabilidade

² considerando que para que logremos promover la movilidad activa que genere bajas emisiones de carbono no es suficiente mejorar apenas la infraestructura de las ciudades, sino también sus dinámicas de ocupación. En ese sentido, analizar cómo elementos de caminabilidad pueden influenciar en la percepción de seguridad de gênero y cómo la percepción de seguridad de gênero crea demandas específicas para la promoción de la caminabilidad. (p.212)

poderia ser desenvolvida visando o bem estar das mulheres caminhantes, no exercício da sua cidadania, como também o quanto o incentivo á isso traria, quando em visão macro, soluções para problemas de trânsito urbano, violência e ambiental.

Retomando um projeto de caminhabilidade exposto no referencial teórico da pesquisa, com o nome de “ Auditorias de Percepção de Segurança de Gênero e Qualidade de Caminhabilidade no Espaço Público”, por organizações Red MÁs, SampaPé, Clímax Brasil, o trabalho foi desenvolvido para empoderar e sensibilizar as meninas e mulheres sobre seus direitos no espaço público e no planejamento do mesmo, contribuir na geração de dados para o futuro desenho de políticas públicas urbanas, sociais e ambientais, e de forma conclusiva, apontar os problemas do desenho urbano que geram ambientes inseguros para as mulheres e meninas. Junqueira, Sabino (2017) reafirmam as perspectivas de gênero raramente serem incorporadas no planejamento urbano, apesar dessa demanda não ser algo novo.

Relembrando as outras questões disponíveis para serem avaliadas quando a questão foi sobre aspectos urbanos que causam insegurança, as duas opções de menor notação em quantia de votos, são “becos” e “mobiliários urbanos que podem ser utilizados como esconderijo” e “prédios abandonados”. Entendendo que essa pergunta poderia gerar várias respostas por ser possível marcar mais de uma opção, lembrando que o título se deu como “assinale as mais relevantes”, é importante encararmos isso também como fatores agravantes. De acordo com (Guia de Trabalho Oficina 1: Ferramentas para a Promoção de Municípios Seguros e Livres de Violência contra as Mulheres, p.16) “as ruas e a infraestrutura de transporte são responsabilidades municipais importantes que podem fazer uma enorme diferença na qualidade de vida dos grupos mais vulneráveis e de toda a população.”

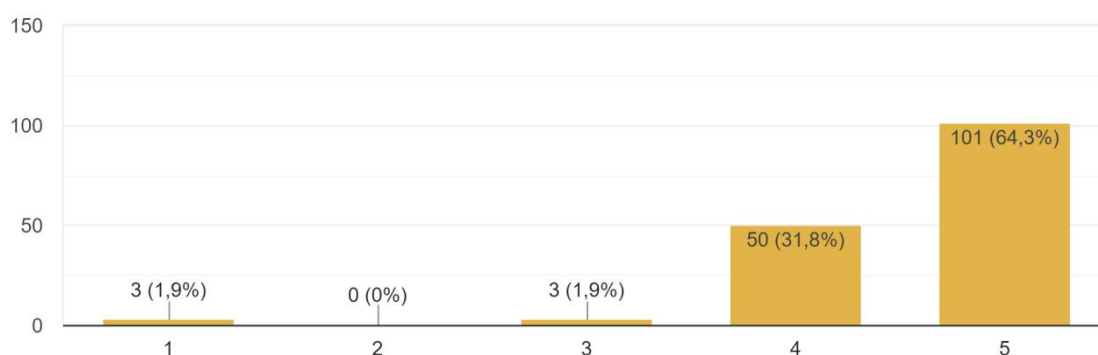
Uma das suposições levantadas na Introdução da pesquisa sobre o foco principal deste trabalho - às mulheres- e a relação delas com o fator de insegurança feminina, era conseguir identificar se a sensação desta insegurança já fazia tão parte do cotidiano delas, tanto moradores ou turistas, que discussões sobre o assunto nem estivessem em pauta entre elas para conseguintes melhorias. Como forma de compreender isso, ou chegar a alguma resposta, mesmo que de forma não tão aprofundada como gostaria-se, foi através de uma das perguntas do questionário: “Agora, num âmbito geral, você sente que o medo relacionado à insegurança está atrelado à questão de gênero (pertencer ao gênero feminino) ? Avalie de 1 a 5.

Sendo: (1) discordo totalmente (2) discordo (3) indiferente (4) concordo (5) concordo plenamente” (Figura 14).

Figura 14 - Insegurança e Gênero

21. Agora num âmbito geral, você sente que o medo relacionado à insegurança está atrelado à questão d...) concordo (5) concordo plenamente.

157 respostas



FONTE: Própria (2019).

As respondentes demonstraram concordar com o fato de questões sobre sensação e medo estarem ligadas à questão de gênero, pois na soma entre concordar e concordar plenamente, 96,1% esteve presente. Para corroborar com essa afirmativa, durante as entrevistas nos estabelecimentos, que foi realizado em sua maioria com mulheres donas; funcionárias; e ou administradoras - de modo a investigar essa questão do gênero vs segurança- foi questionado se as mesmas, quando em papéis de clientes em Bares e Baladas de Curitiba e também, em âmbito nacional, percebem a presença dessa violência (atitudes machistas) e se já sofreram algum tipo de situação. Todas afirmaram já terem sofrido situações de cunho machista como também violência física, relatando os casos. Isso demonstrou, relacionando os dados obtidos, que as mulheres que a pesquisa conseguiu alcançar, têm a percepção de sofrerem medo e sensação de insegurança, por pertencerem ao gênero feminino. Possibilitando, acredita-se, abertura para discussões almejando alterar esta realidade.

Após a análise verifica-se que essa demanda por melhoria do planejamento urbano, e a real inserção dos problemas que cercam o gênero feminino existe tanto através das respostas aqui levantadas, dos estudos e também das referências que a pesquisa levantou. Um exemplo de iniciativa que pode ser encontrada na tentativa de lutar para a solução ou mitigação desta problemática, é o Projeto Municípios

Seguros e Livres de Violência contra as Mulheres. O mesmo é uma iniciativa da Confederação Nacional de Municípios, com o apoio da Delegação da União Europeia no Brasil. O projeto visa ao longo de dois anos desenvolver um modelo de intervenção para estimular a articulação de líderes mulheres de governos locais e da sociedade civil, no planejamento e a construção conjunta de políticas de prevenção e combate à violência contra as mulheres nos espaços públicos e privados (MULHERESSEGURAS, 2019).

Neste momento, focalizando na demanda das mulheres em Bares e Baladas avaliadas na cidade de Curitiba relacionado ao objetivo “b) identificar se há e quais as ações direcionadas dos estabelecimentos ao público feminino frequentador”, os dados acima expostos nos mostraram que as respondentes, em sua maioria, frequentam esses espaços em seus vários momentos. A sua maioria avalia a sensação própria sobre segurança de forma “indiferente”. Se comparado com Parques da Cidade e Largo da Ordem, as mulheres já deixaram de ir nestas baladas por estarem sozinha, sendo pela resposta mais assinalada a preferência por ir acompanhada de amigas ou amigos, havendo apenas 6,6% afirmando não ir sem a presença de um indivíduo do gênero masculino. Portanto, visualizando neste panorama, a questão de estar acompanhada de pessoas próximas se sobrepõe a questão da insegurança do gênero feminino necessitar ir acompanhada de uma figura masculina.

Nestes locais, na perspectiva das mulheres, mais da maioria reconhece que a presença de equipe treinada para impedir assédio e situações constrangedoras às mulheres seria muito importante para colaborar no bem estar das mulheres quando presente nos locais. A outra alternativa é a presença de equipe com mais mulheres. Sobre estas questões, o estabelecimento A, quando entrevistado diz ser a maioria da equipe feminina. Desde as atendentes do bar, caixa, até as próprias donas. Único funcionário homem é o segurança do estabelecimento, contratado justamente com o intuito de “intimidar”, assegurando o funcionamento da casa. Pois, de acordo com a entrevistada (uma das donas do local) “o fato de ter um homem se torna mais seguro, infelizmente é dessa forma, não é algo super legal, gostaria de ter mais uma mulher trabalhando ali na frente”, justificando a seguir com “a gente podia pôr uma mulher, só que cara, um homem inibe outros homens”.

Quando questionada sobre a questão da equipe que trabalha no local ser treinada para impedir violências ao público feminino, o estabelecimento afirma

sempre conversar sobre essas questões entre as proprietárias na tentativa de repassar as considerações para todos os funcionários, inclusive o segurança. Mas sendo algo mais orgânico, ou seja, não há um treinamento, ou não houve até então algum tipo de reunião concreta onde fosse passada essas informações ou maneiras de se agir. As sócias, principalmente a entrevistada, afirma sempre estar no local e a equipe toda ser muito atenta a possíveis incidentes quando percebem a presença “homens héteros” que estão alcoolizados ou demonstram atitudes machistas. A própria dona diz sempre intervir quando observa ou nota alguma situação constrangedora ao seu público. Pedindo até a retirada do indivíduo “homem” se necessário.

A terceira alternativa assinalada é a questão “na saída do local houvesse profissionais que verifiquem a saída do público feminino com segurança”. Essa alternativa foi posta como uma opção entendendo que estes estabelecimentos realizam a venda de bebidas alcoólicas, e como muitas mulheres utilizam transporte público ou Transporte Privado, há uma importância. No estabelecimento B, os presentes no local afirmaram prestar auxílio ao público feminino na saída do local, e terem o olhar atento à esta questão. A Dj do local (que estava presente na entrevista) afirmou já ter “socorrido” uma menina que estava alcoolizada demais para ir embora sozinha. Outros que estavam presente na entrevista afirmaram já terem pedido Uber para as meninas irem embora com segurança. O Estabelecimento A não relatou experiências deste tipo, talvez isso seja algo percebido mais em casas noturnas do tipo “Balada”, que é o caso do B.

Os dois estabelecimentos não possuem conhecimento do público frequentador, nem realizaram uma pesquisa a fim de chegar a dados oficiais. Porém, os dois espaços afirmam ser a maioria o público feminino. O estabelecimento A, percebe ser 80% do seu público, feminino. O perfil dessas clientes quando questionados, mesmo que de forma imprecisamente são, no A (de 20 a 32 anos), e no B (18 a 25 anos). Sobre os gastos médios de forma diária, o estabelecimento A diz que as mulheres gastam de R\$50,00 a R\$150,00 em uma noite. Já no B, o gasto médio de uma noite se dá em R\$:40,00 reais.

Sobre o transporte utilizado por essas clientes que frequentam os espaços, no estabelecimento A, o mesmo diz variar muito de acordo com o dia e o perfil do público do evento. Há dias em que as mulheres são mais “alternativas”, utilizam

então bicicletas, vão a pé, ou utilizam o transporte público, em outros dias são mulheres mais velhas, nisso já utilizam veículo próprio.

Quando questionados se os próprios estabelecimentos acreditam ser os respectivos lugares seguros para as mulheres, os dois afirmaram acreditar que sim. Os motivos disto? Os dois estabelecimentos dizem já possuírem uma política antiga em relação às causas de respeito à diversas causas e diversidade. O Bar e a Balada entrevistada dizem já possuir clientes na sua maioria conscientes e até mesmo fazerem parte da sigla LGBTQ+, o que sinaliza que as casas recebem um público, que de acordo com eles, são “menos problemáticos” por não serem reconhecidos como “espaços héteros”. O estabelecimento A aliás, recebe diversos eventos relacionados à questão do gênero feminino e sexualidade, recebendo no espaço eventos de Coletivos relacionado ao universo lésbico. Embora essa questão não ter sido uma determinação na escolha, ou seja, não houve nenhuma seleção entre os perfis dos locais e dos públicos no contato, e para a realização da entrevista, faz a diferença no retrato da realidade destes espaços privados.

Essa relação desigual entre lugares considerados de perfil hétero vs LGBTQ+ foi bastante manifestada na entrevista, e ocorreu de forma espontânea nos relatos. As definições de homens héteros e “macho escroto”, foram palavras também várias vezes ditas para se referirem á indivíduos que ameaçam de certa forma as mulheres, e que são percebidos como seres que intimidam quando estão no ambiente.

Concluindo o objetivo de forma direta, são poucas e tomadas de maneira não determinada as ações dos estabelecimentos ao público feminino na questão de segurança feminina nos espaços. Porém, de certa forma, significativa, quando notamos uma consciência por parte dos responsáveis e dos próprios funcionários, que possuem muitos integrantes femininos. É importante dizer aqui que essa significância se dá através da intolerância às atitudes machistas no local: “aqui não toleramos machismo, de jeito nenhum”, “aqui não entra machista, se a gente identifica que tá causando problema, já abordamos”, também no auxílio prestado ao público feminino quando ocorrem situações de violência “as meninas sabem que qualquer coisa é só me procurar, eu sempre vou tomar uma atitude”, “inclusive orientamos a fazer boletim de ocorrência se necessário”.

Contudo, este objetivo foi criado para analisar como o problema de insegurança é tratado em termos de importância pelos estabelecimentos. Ou seja, se buscou perceber se existe uma preparação real dos estabelecimentos num todo. Se haviam

estratégias definidas, pesquisas de demanda, ações direcionadas, e até mesmo treinamento para combater casos de violência ao público feminino, dentro dos locais. Sendo assim, apesar dos estabelecimentos terem uma consciência sobre o assunto e a questão da necessidade do bem-estar do público feminino, e assegurar se importarem em relação a isso no seu funcionamento, poderiam ser tomadas ações mais afirmativas, até mesmo se lembrarmos às demandas assinaladas no questionário, como circunstâncias para maior segurança.

A hipótese criada para ser analisada em conjunto com o objetivo previamente analisado, era de que a insegurança feminina talvez fosse um problema pouco notado por partes responsáveis destes locais que iriam ser entrevistados. Em relação a isso, a entrevista pretendia abordar questões sobre o ponto de vista dos proprietários de forma pessoal, como também, de forma empresarial. Os dois espaços se mostraram bastante conscientes desta realidade vivida pelas mulheres quando em vários ambientes, mas principalmente, dentro de locais mais noturnos. Os donos já haviam trabalho em outras casas noturnas, de perfil LGBTQ+ e com uma presença maior do público feminino. Também, por ter uma presença significativa de mulheres na equipe, as mesmas relataram já terem passado, como clientes, várias situações constrangedoras por serem mulheres. Assim sendo, prezam pela segurança de outras no local. Apesar disto, esta hipótese não é posta como uma realidade da cidade de Curitiba, portanto, não é a realidade dos estabelecimentos presente nas regiões delimitadas no questionário, justamente, por falta de contato de outros estabelecimentos, para uma análise geral. Duas mulheres que se apresentaram como um dos donos dos espaços (A e B), nas entrevistas, relataram já terem sido agredidas em Bares e Baladas em Curitiba.

Ingressando ao último objetivo deste trabalho, referente ao produto resultante da pesquisa, lembrando que o mesmo se identifica como c) analisar a utilidade da elaboração de um aplicativo de recomendação e avaliação de estabelecimentos de lazer entre mulheres.

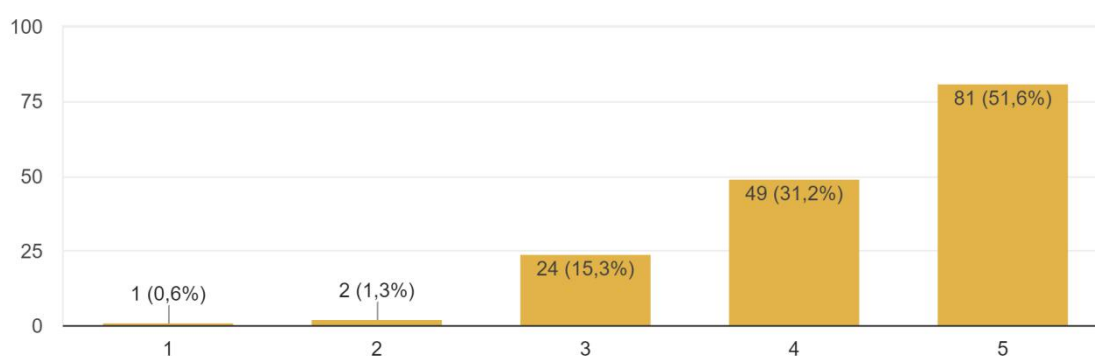
A questão seguinte do questionário, na qual o título é "Avalie de 1 a 5, o quanto você gostaria que houvesse um aplicativo de celular especialmente para as mulheres, que servisse para avaliação de espaços de lazer da Cidade de Curitiba? A avaliação seria objetivando analisar a segurança do local para as mulheres. Espaços públicos, quanto privados. Sendo, (1) não gostaria nem um pouco (2) não gostaria (3) indiferente (4) gostaria (5) gostaria muito. " Demonstra que 82,8% das mulheres

gostaria que houvesse este aplicativo descrito acima. Das respondentes, 15,3% afirma ser indiferente e 1,3% não gostaria (Figura 15).

Figura 15 - Demanda pelo Aplicativo

25. Avalie de 1 a 5, o quanto você gostaria que houvesse um aplicativo de celular especialmente para as mulheres,...nte (4) gostaria (5) gostaria muito.

157 respostas



FONTE: Própria (2019).

Acredita-se então, o aplicativo ter então uma utilidade significativa. Ao menos demonstra que as mulheres gostariam que existisse um avaliador sobre espaços de lazer, feito e dedicado especialmente às questões do gênero feminino, a fim de colaborar com a segurança feminina.

Para conseguir identificar as informações que seriam mais úteis na composição de uma rede de compartilhamento em dispositivo móvel - aplicativo de celular - , foram criadas diversas alternativas após pesquisa bibliográfica, com isso acarretando no descobrimento de vários projetos que respaldam o assunto da problemática segurança, em uma via de gênero. “Avalie as informações que você gostaria que este aplicativo contivesse e a respectiva importância de cada uma” foi o título da última pergunta do questionário.

As opções mais assinaladas, por ordem decrescente de votos marcados como “Muito Importante”, se mostram dessa forma: Servisse como um canal de denúncia de assédio (102 votos); Ruas mais iluminadas e frequentadas (101 votos) Ruas de Acessos a se evitar (100 votos); Se há segurança permanente nos locais públicos (95 votos); Opções de transporte ao redor/ para o acesso (91 votos); Se o estabelecimento privado possui segurança (85 votos); Opiniões e Avaliações sobre o local (84 votos); Linhas de Ônibus disponíveis por perto e horários de transporte (84

votos); Índice de violência e criminalidade da região (83 votos); Se o local contém indicadores de segurança: câmeras de vigilância (69 votos); Melhor rota para chegar ao local (60 votos); Mapa dos arredores (51 votos); Informação sobre os atrativos/ locais/ estabelecimentos (48 votos).

Posto isso, percebemos a importância dada por elas desta necessidade do compartilhamento e troca sobre questões de violência que as atingem. Com isso a mulher passa a ter o poder de transformar com alguns toques, o seu celular em um “canivete eletrônico” – termo introduzido por Jenkins (2009), citado por (MOURA, MELO, 2017) – de mapeamento de violência e sororidade.

Através do trabalho de Siqueira (2015), a mesma utiliza do pensamento de Valentine (1989), onde esta realizou um estudo sobre a geografia do medo das mulheres, e propõe uma associação entre o medo da mulher no espaço público à sensação de vulnerabilidade física em relação ao homem, principalmente em relação à violência sexista. Para a autora citada, essa associação da violência masculina a certos contextos ambientais é produto da experiência vivida e das informações secundárias sobre as características ambientais de um determinado local ou localidade (SIQUEIRA, 2015). Aí a importância em ser exposto informações de determinados locais para a possível ressignificação de sentimentos pré determinações mesmo que quase inconscientemente, se pensarmos em mitigar problemas relacionados a lugares e ao medo que eles possam causar.

Sobre o questionamento da utilidade do aplicativo para solucionar ou mitigar alguns dos problemas de insegurança feminina nos espaços públicos, especificamente, equipamentos de lazer e entretenimento em Curitiba, o mesmo mostrou, através da demanda coletada, utilidade.

Outra hipótese que foi levantada sobre o produto da pesquisa, é de que se apresentarmos a demanda deste público - feminino- por algo que assegure o bem-estar do mesmo nos locais avaliados, para estes estabelecimentos, isso poderia ser resolvido ou pelo menos analisado por parte da administração. Quando questionados - estabelecimentos entrevistados (A e B) - em relação á disposição dos mesmos em criarem soluções para problemas levantados, na ação de escuta da demanda, os espaços se mostraram bastante dispostos e interessados. Palavras como “fundamental” e “maravilhoso” foram usadas para demonstrar apoio a uma possível existência do aplicativo que motivasse e questionasse os estabelecimentos

em criarem soluções e/ou ações afirmativas sobre as questões de insegurança nos locais.

Concluindo, as questões anteriormente discutidas e demandas existentes demonstradas; as respostas das hipóteses propostas por este projeto; e a construção de narrativas que se entrelaçam em muitos momentos desta pesquisa a fim de chegar num mesmo objetivo - pensar e discutir sobre a segurança feminina, para num momento futuro conseguir enxergar mudanças - impactam o turismo de maneira real. Entende-se que o foco da pesquisa não foi o turismo em si, mas a mulher que exerce essa atividade em vários momentos de sua vida, e que necessita se sentir mais segura para exercer sua cidadania, portanto, também no exercício de "ser turista".

Anteriormente à definição do caminho a ser percorrido no marco teórico do estudo e também na definição dos objetivos, haviam muitas possibilidades de serem estudadas questões a partir das dificuldades enfrentadas pelo gênero feminino, e que se relacionassem de alguma maneira com o turismo. Contudo, um dos apontamentos que surgiram e que motivaram a criação deste título de pesquisa, foi: "Como abordar questões de mulheres viajantes, se muitas vezes a própria cidade de residência não é segura para a mesma, quando em momentos de lazer e entretenimento?". O turismo se faz por recomendação, e a cidade precisa pensar nas mulheres para recebê-las sendo elas moradoras, ou turistas.

Visto que, de acordo com Yang et al (2017) o empoderamento feminino como um dos assuntos abordados aqui, passa pelo consumo turístico, e tendo em vista o crescimento constante de viajantes do sexo feminino em todo o mundo, a indústria de Turismo e Hospitalidade pode se beneficiar de estudos sobre mudança do querer feminino e reforçar a busca por igualdade de gênero no usufruto de espaços turísticos.

A partir disso, enxerga-se na tecnologia a possibilidade de transformação do meio turístico através da comunicação. Sendo assim, com o passar dos anos houve mudança na utilização da internet, e da utilidade que a mesma tem em nossa sociedade, "desse modo, a transferência dos guias tradicionais para o meio eletrônico ocorreu de maneira natural, para atender os avanços oriundos dessa transformação da comunicação na sociedade, surgindo blogs, sites e outros domínios de informação", (FILHO ET AL, 2017, p.186).

5. PROJETO DE TURISMO

Relembrando o título desta pesquisa: “A segurança feminina nos espaços de lazer em Curitiba-PR. Compreendendo a demanda das mulheres para transformar em uma rede de compartilhamento para solucionar problemas”, o projeto que será demonstrado a seguir tem o objetivo de servir como uma rede de compartilhamento de dados e informações para as mulheres. Este projeto, que será um aplicativo para dispositivo móvel, servirá como um canal de denúncia e também, como dito anteriormente, de partilhamento de dados e informações objetivando auxiliá-las na percepção de segurança e no recebimento de informações relacionadas à isto, sobre os espaços de lazer em Curitiba-PR.

O aplicativo terá como público alvo definitivamente e especificamente as mulheres, pois são as afetadas cotidianamente pela sensação de insegurança destinada a indivíduos do gênero feminino. A linguagem será pensada e desenvolvida com o propósito de acolher as mulheres, para que as mesmas se sintam contempladas e á vontade para colaborar com a veracidade e utilidade do aplicativo. Ou seja, a plataforma será também desenvolvida pelas usuárias, onde as mesmas terão espaços para avaliar questões sobre a própria experiência nos estabelecimentos que estarão presentes no aplicativo. Isso porque, de acordo com Filho et al (2017), o mesmo diz que Kim, Ma e Kim (2006) afirmaram que, os chineses que utilizam hospedagem em hotéis, por exemplo, confiam mais nas informações dadas pelos próprios clientes, do que nas divulgadas pelos estabelecimentos, ou seja, experiências relatadas tem um grande valor para outros usuários.

Pensa-se neste espaço em ambiente virtual como um movimento a favor da caminhabilidade das mulheres e da ocupação das mesmas nos diversos ambientes disponíveis ao ser humano em sociedade, oferecendo então um papel de apoio e escuta às mulheres turistas ou moradoras, que devem poder se entreter nos momento de lazer. Pois, não deve-se esquecer que, 86% das mulheres brasileiras questionadas em uma pesquisa do ActionAid (2016) disseram já ter sofrido assédio em locais públicos. O levantamento evidenciou que o assédio em espaços públicos é um problema global, e que muitas mulheres sofrem assédio em espaços públicos.

Os estabelecimentos e espaços que estarão no aplicativo, á princípio são os mesmos que possuem relevância turística, tanto quanto para os moradores da

capital do Paraná. Inicializando com ambientes que foram pensados para o desenvolvimento desta pesquisa, portanto, sendo então os inseridos em: Bares e Baladas; Parques da Cidade; e o Largo da Ordem.

A alimentação do aplicativo será realizada pela equipe suporte do mesmo, que fará pesquisa de campo e análise real do espaço para disponibilizar na plataforma informações verdadeiras.

Pensando em uma análise de mercado e desenvolvendo-a de forma sucinta, temos algumas observações, respostas, e foi possível chegar em alguns entendimentos. Portanto, iniciando, sobre os fatores críticos de sucesso do aplicativo, temos: a) Um aplicativo de avaliação e recomendação de espaços turísticos e estabelecimentos de lazer especialmente para as mulheres é uma iniciativa única no Paraná e no Brasil; b) A funcionalidade seria o identificador e isca ao público; c) Seria possível visualizar alguns conteúdos mesmo sem internet. Por conseguinte, o aplicativo visa a praticidade também, ou seja, ser de fácil utilização.

O posicionamento do projeto caminhará entre “diferenciação” e “foco de mercado”. Pois, diferenciação, se dará na oferta da rede servir como avaliação e compartilhamento de experiências. Possibilitará á cliente várias funcionalidades, além de consultar as informações que ela deseja. E foco de mercado, entendendo que o aplicativo será específico para mulheres.

O mercado carece de aplicativos que permeiam as questões femininas num âmbito sobre segurança, caminhabilidade, acessibilidade e avaliação. Existem aplicativos que respaldam algumas destas questões, porém não são trabalhadas de forma integradas, ou muitas vezes, são de nichos já desenvolvidos. Exemplos atuais são hospedagens oferecida de mulheres à outras mulheres; e o transporte privado de mulheres para mulheres; outro exemplo é canais de denúncia de assédio em transporte público e sobre violências vividas de forma pessoal.

A proposta de valor inicial da marca e do produto mostram-se como: “Proporcionar às mulheres a opção de escolha de ambientes e espaços mais seguros à elas, incentivando a caminhabilidade segura, e também, dando autonomia da mesma avaliar e compartilhar sua experiências em diversos espaços da cidade.”, Um dos objetivos também é indagar e incentivar os estabelecimentos privados a construírem espaços mais seguros às mulheres, não excluindo a responsabilidade do planejamento urbano da cidade.

Sobre uma análise de concorrentes, os concorrentes “diretos” podem ser considerados inexistentes, pois o aplicativo sugere uma nova forma de avaliação de estabelecimentos, agora na perspectiva das mulheres. Já os “indiretos”, temos o Safetipin, que através de mapas, o aplicativo indica rotas seguras, portanto as pessoas avaliam as ruas e praças com critérios como visibilidade, iluminação e movimentação de pessoas. Para as mulheres o aplicativo indica o melhor caminho a ser percorrido. Porém o aplicativo só existe em espanhol e em inglês. E oferece apenas uma das funcionalidades -rotas mais seguras- que o nosso produto visa oferecer. Sobre concorrentes futuros, pode-se supor que o Safetipin é capaz de se tornar um concorrente se o mesmo disponibilizar a plataforma em versão português, por já possuir um tempo no mercado. Também, o Tripadvisor pode ser um concorrente futuro se o mesmo criar funções específicas as mulheres no decorrer dos anos. Ou, se houver mais opções de avaliação no site que abranjam essas questões.

Destarte, pode-se compreender que o diferencial do aplicativo seria a união de várias funcionalidades em uma mesma plataforma. Ou seja, na união de várias funcionalidades concorrentes, porém mais aprimorado e sendo mais comunicativo com as mulheres, exercendo a exclusividade a este público. O que traria muito mais aproximação com as clientes, entendendo que as mesmas teriam um espaço dedicado somente a elas.

A criação do nome do aplicativo, e pensando na definição de uma marca, definiu-se o nome como sendo: “Mulher, Go!”. O intuito da criação deste nome, é remeter ao ato de incentivá-las à caminhabilidade, ao direito de estar presente em quaisquer lugares, e também, lembrá-las do poder que é ser mulher.

5.1 ETAPAS PARA EXECUÇÃO DO PROJETO

5.1.2 Descrição das Etapas para a Execução do Projeto

Tabela 1- Cronograma

Atividade	Tempo
Realização do aplicativo com base no projeto, com testes de funcionamento já incluído.	Durante 4 meses. Janeiro de 2020 a Maio de 2020.
Coleta de dados para a montagem de um banco de dados do aplicativo.	Acontece paralelamente á criação do aplicativo, ou seja, durante 4 meses, de Janeiro a Maio de 2020.
Relacionamento com os estabelecimentos privados; expor a idéia do aplicativo; perceber possibilidades de trabalho em conjunto.	Acontecerá durante um mês. Em fevereiro de 2020.
Publicidade no Facebook que ocorrerão por três meses.	Durante 3 meses. Abril até Junho para divulgar a marca e o aplicativo.
Todas as etapas anteriormente ditas, concluídas, e o aplicativo funcionando.	Começo de Abril de 2020 espera-se o aplicativo estar concluído para uso.

FONTE:Própria (2019)

5.1.3 Descrição dos Recursos Humanos envolvidos em cada etapa

Para a execução do projeto, utilizou-se através da pesquisa em sites de elaboração de aplicativo, e sites que oferecem orçamentos através de questionários. Temos, então, por Esauce (2017), que uma equipe para criação de aplicativo seria composta por: 1) Designer; 2) Webdesigner; 3) Analista de sistemas; 4) Arquiteto de Software; 5) Desenvolvedor / Programador; 6) Analista de banco de dados (DBA); 7) Analista de Testes; 8) Gerente de Projetos ou Coordenador. Sendo as respectivas

funções: 1) Responsável por elaborar o desenho das interfaces do aplicativo; 2) Aplicar o layout projetado anteriormente. As técnicas são parecidas com de um site, mas usa outro tipo de tecnologia; 3) É o responsável por compreender a necessidade de negócio do cliente e especificar por escrito o passo a passo do projeto. É um profissional com conhecimento de software e, em alguns casos, trabalha na programação. 4) Analisa as necessidades do projeto e define a arquitetura técnica que melhor se encaixa no mesmo. É comum sua participação na programação, sendo responsável pelas partes mais complexas do projeto; 5) Transforma as especificações do projeto em código, seguindo então as diretrizes técnicas do arquiteto e análise funcional do analista de sistemas. O código fonte faz a conexão com banco de dados e a camada visual, para leitura, gravação e exposição das informações. Segundo o site, essa parte representa metade do esforço total de um projeto em desenvolvimento de aplicativo para celular; 6) Em projetos menores o próprio analista, arquiteto de software ou programador, pode executar esse papel. Em projetos maiores, a figura de um DBA (Database Analyst) se torna fundamental para tratar de grande volume de dados. Ele então é responsável por definir a arquitetura do banco de dados e a manipulação diária de grande volume de dados; 7) Faz a validação do aplicativo, e verifica se há erros. Dependendo da configuração da equipe, o próprio analista de sistemas pode executar a etapa de validação; 8) Profissional que cria e acompanha o cronograma do projeto, distribuindo as tarefas para os respectivos profissionais.

De acordo com o site, quanto menor o projeto mais fácil reunir as competências em poucas pessoas, tornando desta maneira alguns profissionais multitarefas. No entanto, pelo menos um designer e um desenvolvedor experiente existem em todos projetos.

Como o projeto desta pesquisa se demonstra de porte pequeno, ou pelo menos, ao início do mesmo seria identificado como algo simples e funcional, há alguns profissionais que podem exercer várias funções de modo a economizar na criação do aplicativo. Sendo assim, os valores podem variar, e seria optado para esse projeto uma forma de economia dos gastos.

Optou-se então por terceirizar a criação do aplicativo para empresas que possuem conhecimentos específicos para isto, e expõe vários aplicativos que já desenvolveram para grandes; médias e pequenas marcas. Por orçamentos via sites que prestam esse serviço e trabalham realizando aplicativos por todo o mundo, foi

utilizado dois destes para comparação de preços, na realização do orçamento do Mulher, Go!

Através do site da Aioria (2019), a empresa oferece um serviço completo quando a questão é a criação do aplicativo e o posicionamento do mesmo no mercado.

O processo de produção da AIORIA para desenvolvimento do aplicativo inclui análise de viabilidade de mercado, concepção de UI (user interface) e UX (user experience), criação gráfica e plano de marketing. Os apps são concebidos e executados integralmente dentro da empresa, otimizando a comunicação com o cliente, o tempo de projeto e os resultados.

O site disponibiliza, como dito anteriormente, a possibilidade de se realizar um orçamento para o projeto de quem tem interesse. Através da Figura 16, temos o orçamento:

Figura 16- Orçamento pela Aioria



FONTE: Aioria (2019)

O valor correspondente do nosso projeto, após assinalarmos as opções que gostaríamos e entendemos necessário para o aplicativo, tem-se o valor de R\$84,000 mil reais. Porém no site da Aioria, eles afirmam em média, a maioria dos projetos saírem em torno de R\$40,000 a R\$60,000 mil reais. Portanto, num orçamento real talvez o produto final do aplicativo aqui estudado conseguisse entrar nesta média de preço.

Na Figura 17, que se mostra a seguir, temos um outro orçamento, agora realizado pela YeePLY. A empresa em seu site demonstra trabalhar com menor custo,

e agilidade: “nos diferenciamos em tecnologia e informação de que dispomos, para melhorar nossos processos internos e oferecer as melhores soluções de alta tecnologia com menor custo” (YEEPLY, 2019).

Figura 17- Orçamento pela Yeeply



FONTE: Yeeply (2017).

O custo estimado por este site, em comparação com o anterior, mostrou-se mais barato. R\$30,600 de acordo com as informações assinaladas no site, das necessidades que acreditamos que o aplicativo irá demandar.

Contudo, como os dois sites demonstram realidades diferentes quando o assunto é valores, e não são tão próximos quanto espera-se. Então, calcula-se uma média aritmética para chegar em um valor mediano, que abranja as duas demonstrações dos valores orçados. Chega-se no valor mediano de R\$57,300 mil reais estimados que serão gastos na criação do aplicativo contando com empresas que trabalham com isso (MAGINA et al, 2010).

Com o objetivo de demonstrar a interface do aplicativo, para melhor entendimento do objetivo do menu e da utilização, ou ao menos, conseguirmos visualizar como objetiva-se o mesmo se mostrar quando for ser utilizado, foi criado essa representação do Menu (Figura 18):

FIGURA 18- Interface do Menu



FONTE: Própria (2019).

No Menu representado acima, o objetivo do mesmo é conter os lugares de relevância à cidade e também, seguindo as necessidades do público alvo, mostrados com fotos para melhor identificação. Escolhido o espaço que se deseja adquirir mais informações, se terá acesso a todos os dados disponíveis sobre a segurança do espaço e ao redor. As opções que estarão disponíveis foram selecionadas com base nos resultados do questionário que obtiveram mais da metade de votos “muito importante”. Desta forma: ruas mais iluminadas e frequentadas; ruas de acessos a se evitar; se há segurança permanente nos locais públicos; opções de transporte ao redor/ para o acesso; se o estabelecimento privado possui segurança; opiniões e avaliações sobre o local; linhas de ônibus disponíveis por perto e horários de transporte; Índice de violência e criminalidade da região; se o local contém indicadores de segurança: câmeras de vigilância; melhor rota para chegar ao local. Compreende-se que para a obtenção de alguns desses dados, seria importante a parceria ou colaboração com algum Órgão Público que trate a segurança urbana ou planejamento urbano; ou secretaria; e a própria prefeitura de Curitiba-PR na disponibilização de informações para a criação de dados verdadeiros.

5.1.4 Descrição do Orçamento e dos desembolsos por etapa

Sobre os valores que serão demonstrados a seguir, tem-se Turismóloga para demonstrar o quão valeria o trabalho deste profissional que realizou a pesquisa desde o primórdio deste estudo, e imaginando a empregabilidade de alguém que manteria os dados para o aplicativo, atualizados. Essa profissional coordenaria também o estudo da demanda recebida pelas mulheres utilizadoras da rede, e na relação entre estabelecimentos e o aplicativo. O salário médio de um Turismólogo é em torno de R\$ 2.305,61 de acordo com Salário (2019), por 43 horas semanais trabalhadas. Calcula-se então o valor do salário médio, por nove meses que a pesquisa foi desenvolvida neste ano.

Para a realização de publicidade do aplicativo, será usado a plataforma do Facebook, entendendo o alcance que o mesmo possui. Com os valores dependem de campanha/ anúncio por anúncio, os valores dependem do objetivo que o produto ou marca possuem - o alcance que desejam ter-. Realizou-se uma simulação semanal de R\$5,00 de investimento para a divulgação no facebook, durante três meses para uma divulgação inicial.

TABELA 2- Custos

Demanda	Custo
Turismóloga	R\$20,750,49
Empresa terceirizada para realização do aplicativo	R\$57,300
Publicidade no Facebook	R\$60,00
TOTAL	R\$78,110,49

FONTE: Própria (2019).

Portanto, o gasto anual total para a criação do aplicativo se demonstra no valor de R\$78,110,49.

5.1.5 Avaliação do retorno do investimento

Sobre retornos de investimento do projeto, o principal objetivo é o retorno social que o mesmo trará as mulheres. Contudo, voltando à esfera econômica, o aplicativo captaria recursos através de propagandas (publicidade) presente no mesmo, e de maneira mais direta, através da promoção de estabelecimentos e na captação dos mesmos para a presença no aplicativo. Detalhando, conforme a visibilidade que o aplicativo ganhará conforme a utilização do público, os estabelecimentos irão querer estar presente na plataforma mobile, e ser divulgado como um ambiente seguro.

Por conseguinte, a marca “Mulher, Go” visa criar uma rede de ações entre vários estabelecimentos privados, e até, na promoção e criação de eventos cuja ação seja direcionada às mulheres. Conectando assim vários bares e baladas da cidade e captando patrocínios para a contínua alimentação do aplicativo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pretendeu-se com a pesquisa responder às questões delimitadas previamente no objetivo geral da pesquisa, como também os objetivos específicos. Desejando então, realizar um projeto para o turismo que auxilie na percepção de segurança tanto das turistas que vem a cidade, como as próprias moradoras a utilizarem os espaços de lazer, tanto público quanto privado. Durante a pesquisa e a partir de levantamentos, questionário e entrevistas, os objetivos e as hipóteses levantadas puderam então serem respondidos, e/ou alcançados.

Sobre o tema geral da pesquisa, “A segurança feminina nos espaços de lazer em Curitiba- PR. Compreendendo a demanda das mulheres para transformar em uma rede de compartilhamento para solucionar problemas”, surgiu com base na vivência da pesquisadora, quando em vários momentos pôde sentir o que realmente significa “ser mulher” em nossa sociedade, e como isso se demonstra em atos e sentimentos de insegurança e restrição. Não somente um sentimento individual, este se faz coletivo em todas as mulheres.

Apresentando os resultados da pesquisa, temos que: Sobre os espaços de forma ampla, muitas mulheres frequentam o Largo da Ordem e muitas também se sentem Insegura ou Indiferente. Já nos Parques da Cidade, tem-se um percentual maior de mulheres que costumam frequentá-los, em comparação com o Largo. “Indiferente”, e “Segura” foi a avaliativa sobre a sensação das mulheres respondentes quando estão nos Parques da Cidade. Nos Bares e Baladas, mais da metade do público diz frequentar esses espaços além de conhecê-los e, sobre a percepção das mulheres em relação à segurança nesses locais, a opção com o percentual mais alto diz se sentir “Indiferente”, sendo o segundo “Insegura”. Não havendo nenhuma pessoa afirmando se sentir “muito segura” nos bares e baladas da região, sendo então o único dos três espaços a não possuir nenhum voto em “muito segura”.

Especificamente sobre a demanda das mulheres em espaços de lazer, tem-se que localidades com pouca movimentação de pessoas teve quase uma totalidade de votos no sentido de potencialização do medo. Quando falamos do aspecto urbano e na utilização deste meio, a iluminação se faz presente como uma demanda em várias questões desta pesquisa, e a falta dela sendo demonstrado como um fator que causa grande sensação de insegurança. Após isso, bicos são demonstrados como fatores potencializador do medo. Atrelando a isso, nos Parques da cidade e no

Largo da Ordem, quando questionadas o porquê de não irem sozinhas ao espaço, alguma delas assinalaram a opção “eu não vou sozinha pois sinto medo do trajeto”. Tristemente, demonstrou que essa negociação do trajeto não pode ser considerada igual quando nos referimos ao gênero masculino e sua vivência.

No decorrer desta pesquisa, enfatizou-se o fato de que o Androcentrismo está presente trabalhando a questão de planejamento urbano em espaços públicos, e em vários outros âmbitos. Isto mostra o desacerto de não se pensar nas questões do gênero feminino e suas necessidades.

A caminhabilidade exercida pelas mulheres no dia a dia em Curitiba, pôde ser notada quando a maioria das respondentes assinalaram frequentar os espaços definidos, em sua maioria através de transporte público. Em seguida de transporte particular privado. Também, a soma entre ir a pé e utilizar bicicleta se sobrepôs a ter automóvel próprio.

Depois de ter sido feito a avaliação do local, a demanda em Bares e Baladas foi tida como: a sua maioria avalia a sensação própria sobre segurança de forma “indiferente”, e se comparado com Parques da Cidade e Largo da Ordem, a maioria das mulheres já deixaram de ir nestas baladas por estarem sozinha, sendo a resposta mais assinalada a preferência por ir acompanhada de amigas ou amigos. Portanto, visualizou-se que a questão de estar acompanhada de pessoas próximas se sobrepõe a questão da insegurança do gênero feminino necessitar ir acompanhada de uma figura masculina.

Nestes locais, na perspectiva das mulheres, mais da maioria reconhece que a presença de equipe treinada para impedir assédio e situações constrangedoras às mulheres seria muito importante para colaborar no bem estar das mulheres quando presente nos locais. A outra alternativa é a presença de equipe com mais mulheres.

Outro ponto, é de que as respondentes demonstraram concordar com o fato de questões sobre sensação e medo estarem ligadas à questão de gênero.

Sobre o objetivo destinado aos estabelecimentos a fim de analisar a percepção dos donos sobre problemas de segurança do gênero feminino e suas demandas, teve-se que: são poucas e tomadas de maneira não determinada as ações dos estabelecimentos ao público feminino na questão de segurança feminina nos espaços. Porém, de certa forma significativa, quando notamos uma consciência por parte dos responsáveis e dos próprios funcionários, que possuem muitos integrantes

femininos. É importante dizer aqui que essa significância se dá através da intolerância às atitudes machistas no local.

Ingressando ao último objetivo deste trabalho, referente ao produto resultante da pesquisa, foi demonstrado que a maioria das mulheres gostariam que houvesse o aplicativo. Acredita-se então, o aplicativo ter uma utilidade significativa. E que o benefício social seria enorme e necessário, e que o econômico tem como se desenvolver também. O compartilhamento através da tecnologia pode ser utilizado de várias formas, servindo como suporte e apoio da segurança feminina.

Outra hipótese que foi levantada sobre o produto da pesquisa, é de que se apresentarmos a demanda deste público - feminino- por algo que assegure o bem-estar do mesmo nos locais avaliados, para estes estabelecimentos, isso poderia ser resolvido ou pelo menos analisado por parte da administração. Nas entrevistas, quando questionados - os estabelecimentos entrevistados - em relação à disposição dos mesmos em criarem soluções para problemas levantados, na ação de escuta da demanda, os espaços se mostraram bastante dispostos e interessados.

Perfazendo, o objetivo desta pesquisa foi também, dar espaço a essa relação de estudo e discussão do gênero, feminilidade, com o turismo, que se mostra como uma relação pouco trabalhada no âmbito acadêmico. O que espera-se com esse estudo é servir como impulso para pesquisas e projetos futuros, portanto que as problemáticas sociais e discussão de gênero se tornem tão importante quanto discussões empresariais, comumente presente em sala de aula e em fóruns ou eventos de Turismo. Ademais, apesar da pesquisa aqui desenvolvida não ter aprofundado questões sobre sexualidade, e mesmo assim, ser uma pauta sempre levantada nas entrevistas, deixa-se aqui a importância de se discutir a diversidade, a pluralidade, e as questões LGBTQ+ em todas as áreas de estudo, e se atentar quanto às demandas existentes destas pessoas, deste público, e destes clientes

Espera-se com o todo desta pesquisa, que as mulheres acessem este estudo e se sintam de certa forma, inclusas e acolhidas. E aos outros, que ao entrar em contato com a problemática da constatada “insegurança feminina”, lute por espaços mais democráticos e seguros para elas.

Sugere-se e reconhece-se para futuras pesquisas, e até mesmo no aprimoramento desta que aqui se fez presente, alguns apontamentos importantes a serem levantados e que agregariam para a sociedade, e principalmente, para o bem estar das mulheres. Portanto: 1) Seria importante uma abrangência maior de

respondentes e entrevistadas, para se reiterar das demandas de forma aprofundada; 2) Se faz interessante um maior estudo sobre áreas de arquitetura e urbanismo e levantar dados específicos de mulheres viajantes; 3) Conseguir abranger um maior número de estabelecimentos privados nas entrevistas para levantar questões novas e compreender como anda a percepção destes espaços de lazer para com o público feminino.

REFERÊNCIAS

- ACTIONAID (Org.). **Brasil lidera assédio de mulheres em espaço público**. 2016. Disponível em: <<http://actionaid.org.br/noticia/brasil-lidera-assedio-de-mulheres-em-espaco-publico/>>. Acesso em: 28 abr. 2019.
- ALMEIDA, Tânia Mara Campos de. **Corpo feminino e violência de gênero: fenômeno persistente e atualizado em escala mundial**. Soc. estado., Brasília, v. 29, n. 2, p. 329-340, Aug. 2014. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922014000200002&lng=en&nrm=iso. access on 02 Apr. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69922014000200002>.
- ALORIA (Org.). **Quanto custa para fazer um app?:** Estime o custo de um app facilmente com esta ferramenta.. Disponível em: <<http://quantocustaumapp.com.br/>>. Acesso em: 12 out. 2019.
- AMADEUS. (2014) **The always-connected traveller: how mobile will transform the future of air travel**.
- ARAÚJO, N. F. ; LIMA, E. R. . **O Conceito de gerações e suas influências no gênero, trabalho e turismo**. ESTUDOS E PESQUISAS EM EDUCAÇÃO, v. xv, p. 2-24, 2014.
- BARBOSA, A. et al. **Reflexões sobre o conceito de produto turístico e sua gestão integrada. Desafios para o produto turístico 'Santo Antônio**. Turismo y Desarrollo Local, v. 2, n. 6, 2009.
- BARREIRA, Irllys Alencar Firmo . **Resenha: A Dominação Masculina**. Revista De Ciências Sociais V. 30 N. 1/2 1999.
- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960.
- BITENCOURT, Silvana Maria. **A Contribuição De Teóricas Feministas Para Os Estudos De Gênero**. Revista Ártemis, Vol. XVI n 1; ago-dez, 2013. pp. 178-185. Acesso em <<http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/viewFile/17356/9870>>
- BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand. Brasil, 2003.
- CADENA-GAITÁN, C., Toro-López, M., & Ospina-Sierra, E. **Movilidad sin límites-Apuntes para una movilidad inclusiva en el Valle de San Nicolás. Más allá de los límites**, 2017,.
- CALIÓ, Sonia Alves. **Incorporando a Questão de Gênero nos Estudos e no Planejamento Urbano**. In: ENCUESTRO DE GEOGRAFOS DE AMERICA LATINA, 6., 1997. Resúmenes. Observatorio Geográfico, 1997. v. 1, p. 1 - 9. Disponível em: . Acesso em: 01 abr. 2019.><http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal6/Geografiasocioeconomica/Geografiacultural/737.pdf>
- CAMPOS, Rafaella Cristina et al. Gênero e empoderamento: Um estudo sobre mulheres gerentes nas universidades. **Anais do XXXVIII Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração-ENANPAD**, p. 13-17, 2014.
- CASTELLS, Manuel. (2009) "Comunicación y poder", <http://migre.me/wkoZZ>. Acesso em: 05 de maio de 2019.
- CYFER, Ingrid. **Afinal, o que é uma mulher? Simone de Beauvoir e "a questão do sujeito" na teoria crítica feminista**. Lua Nova, São Paulo, n. 94, p. 41-77, Apr. 2015. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64452015000100003&lng=en&nrm=iso>. access on 01 Apr. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-64452015009400003>.
- ENTORNOS HABITABLES: **Auditoría de seguridad urbana con perspectiva de género en la**

vivienda y el entorno. Barcelona: Col·lectiu Punt 6, fev. 2017.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica.** Fortaleza: UEC, 2002

GOMES, Ewerton Lemos et al. **É importante ser um destino turístico inteligente? A compreensão dos gestores públicos dos destinos do Estado do Paraná.** 2017.

GIL, A .C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

IPEA. **Sistema de Indicadores de Percepção Social (SIPS) Segurança Pública.**2012 b. Disponível

http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=24439&catid=120&Itemid=2.

KOERBEL, Alan (Comp.). **Qual a equipe necessária e quanto custa criar um app?** Disponível em: <<https://www.esauce.com.br/blog/qual-equipe-necessaria-e-quanto-custa-criar-um-app/>>. Acesso em: 23 out. 2019.

LEPP, A., & Gibson, H. (2003). **Tourist roles, perceived risk and international tourism.** Annals of Tourism Research, 30(3), 606-624. [http://dx.doi.org/10.1016/S0160-7383\(03\)00024-0](http://dx.doi.org/10.1016/S0160-7383(03)00024-0).

LISBOA, T. K. **O empoderamento como estratégia de inclusão das mulheres nas políticas sociais.** Fazendo gênero 8 – Corpo, Violência e Poder. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008

MAGINA, S.; CAZORLA, I.; GITIRANA, V.; GUIMARÃES, G. *Concepções e concepções alternativas de média: um estudo comparativo entre professores e alunos do Ensino Fundamental.* Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. especial 2, p. 59-72, 2010. Editora UFPR

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa.** 7. ed. São Paulo: Atlas, 2008

MENDES, R.S.; VAZ, B.J.O; CARVALHO, A.F. **O movimento feminista e a luta pelo empoderamento da mulher.** Periódico do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Gênero e Direito, Paraíba, n. 3, p. 88-99, 2015.

MENDES-FILHO, Luiz & De Oliveira Batista, Jasna & Cacho, Andréa & Soares, André. (2017). **Aplicativos Móveis e Turismo: Um Estudo Quantitativo Aplicando a Teoria do Comportamento Planejado.** Revista Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade. 9. 179-199. 10.18226/21789061.v9i2p179.

MENDES FILHO, L., Batista, J., & Cacho, A. (2017) **Análise da intenção de uso de aplicativos móveis no turismo: uma aplicação da teoria do comportamento planejado.** Anais... Seminário da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo. Natal-RN, Brasil.

Métodos de pesquisa, [organizado por] Tatiana Engel Gerhardt e Denise Tolfo Silveira ; coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009, acesso em <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>>.

MOSEDALE S. (2005). **Policy arena. Assessing women's empowerment:** Towards a conceptual framework. Journal of International Development, 17, 243-257.

MORAES, E. **Construindo a relação gênero e raça na política pública de qualificação social e profissional.** Brasília: MTE, SPPE. DEQ, 2005

MOURA, Simony C. R. de; MELO, Jucylene H. A. de. **Mobilidade urbana na perspectiva das mulheres: hacktivismo no mapeamento de assédio em transportes públicos.** In: WOMEN IN

INFORMATION TECHNOLOGY (WIT_CSBC), 11., 2017, 1/2017. 11º Women in Information Technology (WIT 2017). Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, July 2017 .

MULHERESSEGURAS (Org.). **Projeto Municípios Seguros e Livres de Violência contra as Mulheres**. Disponível em: <<http://www.mulheresseguras.org.br/apresentacao-2/>>. Acesso em: 20 out. 2019.

OMT. **Turismo internacional: uma perspectiva global**. 2. ed. São Paulo: Bookman, 2003.

PISCITELLI, Adriana. **"#queroviajarsozinhasemmedo": novos registros das articulações entre gênero, sexualidade e violência no Brasil**. In: Cadernos Pagu, 2017, n. 50.

Pritchard, A., & Morgan, N. J. (2000). **Privileging the male gaze: Gendered tourism landscapes**. Annals of Tourism Research, 27(4), 884e905. [http://dx.doi.org/10.1016/S0160-7383\(99\)00113-9](http://dx.doi.org/10.1016/S0160-7383(99)00113-9).

SAFFIOTI, Heleieth I.B.. **Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero**. Cad. Pagu, Campinas, n. 16, p. 115-136, 2001. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332001000100007&lng=en&nrm=iso>. access on 28 Mar. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332001000100007>

SALÁRIO (Comp.). **Turismólogo - Salários e Mercado de Trabalho 2019**. Disponível em: <<https://www.salario.com.br/profissao/turismologo-cbo-122520/>>. Acesso em: 23 out. 2019.

SARDENBERG, Cecília. **Conceituando "Empoderamento" na Perspectiva Feminista**. Seminário Internacional: Trilhas do Empoderamento de Mulheres – Projeto TEMPO', promovido pelo NEIM/UFBA. Salvador, Bahia, de junho de 2006.

SIQUEIRA, Lúcia de Andrade. **Por onde andam as mulheres: percursos e medos que limitam a experiência de mulheres no centro do Recife** / Lúcia de Andrade Siqueira. – Recife: O Autor, 2015. 161 f.: il.

THAYER, Millie. **Feminismos viajantes: da mulher/corpo à cidadania de gênero**. Cadernos Pagu. Campinas, SP, n. 12, p. 203-249, maio 2015. ISSN 1809-4449. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8634895/2794>>. Acesso em: 21 mar.

THOMAZ, G. M.; Biz, A. A. & Gândara, J. M. G. (2013) **Innovación en la promoción turística en medios y redes sociales: Un estudio comparativo entre destino turísticos**. Estudios y Perspectivas en Turismo, 22(1), 102-119.

VIEIRA, Samuel et al (Comp.). **Como é e quanto custa criar um aplicativo**. 2019. Disponível em: <<http://www.innovea.com.br/como-e-quanto-custa-desenvolver-um-aplicativo/>>. Acesso em: 12 out. 2019.

WILSON, E., & Little, D. E. (2008). **The solo female travel experience: Exploring the 'geography of women's fear'**. Current Issues in Tourism, 11(2), 167e186. <http://dx.doi.org/10.2167/cit342.0>.

YANG, Elaine Chiao Ling; KHOO-LATTIMORE, Catheryn; ARCODIA, Charles. A systematic literature review of risk and gender research in tourism. **Tourism Management**, v. 58, p. 89-100, 2017.

YEEPLY (Org.). **Quanto custa criar um aplicativo?** Disponível em: <<https://www.quantocustaumaplicativo.com/>>. Acesso em: 25 out. 2019.

7. APÊNDICES

PERGUNTAS QUESTIONÁRIO ONLINE

1. Qual a sua faixa etária?

- ☐ Menor de 18
- ☐ De 18 A 28 Anos
- ☐ De 29 A 39 Anos
- ☐ De 40 A 50 Anos
- ☐ A Partir De 51 Anos

2.Qual o seu estado civil?

- ☐ Solteiro(a)
- ☐ Casado(a)
- ☐ Separado(a) / Divorciado(a)
- ☐ Viúvo(a)
- ☐ Vivo com companheira
- ☐ Vivo com companheiro.

3.Considerando a classificação usada pelo IBGE, como você define a sua cor?

- ☐ Branca
- ☐ Negra
- ☐ Parda
- ☐ Amarela
- ☐ Indígena

4.Qual o seu grau máximo de escolaridade?

- ☐ Fundamental
- ☐ Ensino Médio incompleto
- ☐ Ensino Médio completo
- ☐ Ensino superior incompleto
- ☐ Ensino superior completo
- ☐ Especialização
- ☐ Mestrado
- ☐ Doutorado
- ☐ Pós Doutorado.

5.Qual é a sua renda individual mensal?

- ☐ Menos de 1 salário mínimo (até R\$788)
- ☐ De um a menos de dois salários mínimos (entre R\$788 e R\$1575)
- ☐ De dois a menos de três salários mínimos (entre R\$ 1576 e R\$ 2363)
- ☐ De três a menos de quatro salários mínimos (entre R\$ 2364 e R\$ 3151)
- ☐ De quatro a menos de cinco salários mínimos (entre R\$ 3152 e R\$ 3939)
- ☐ De cinco a menos de seis salários mínimos (entre R\$ 3940 e R\$4727)
- ☐ De seis a menos de sete salários mínimos (entre R\$ 4728 e R\$ 5515)
- ☐ De sete a menos de oito salários mínimos (entre R\$ 5516 e R\$ 6303)
- ☐ De oito a menos de nove mínimos (entre R\$ 6304 e R\$ 7091)
- ☐ De nove a dez salários mínimos (entre R\$ 7092 e R\$7880)
- ☐ Acima de dez salários mínimos.

6.Em que localidade da cidade seu domicílio se encontra?

- ☐ Bairro na periferia da cidade
- ☐ Bairro na região central da cidade
- ☐ Bairro no centro expandido da cidade
- ☐ Região rural (chácara, sítio, fazenda, aldeia, etc.)

7.Qual o principal meio de transporte utilizado por você nos momentos de lazer?

- ☐ Automóvel Próprio
- ☐ Transporte Particular Privado (Uber, 99Pop, Cabify)
- ☐ Ônibus
- ☐ Bicicleta
- ☐ A pé

8.Você é moradora de Curitiba?

- ☐ Não ☐ Sim

9.Sobre o Largo da Ordem, em Curitiba. Você:

- ☐ Frequenta ☐ Conhece ☐ Não conheço.

10.Em uma escala de 1 a 5, avalie a sua sensação de segurança neste local:

(1) muito insegura (2) insegura (3) indiferente (4) segura (5) muito segura

11.Você já deixou de ir por estar sozinha, no Largo da Ordem ? () Sim () Não

12.Se sim, avalie de 1 a 5 cada afirmativa:

() Não gosto de ir no Largo da Ordem sozinha, por preferência.

() Prefiro ir acompanhada, tanto com amigas e amigos, pois me sinto mais segura assim.

() Geralmente não vou ao Largo da Ordem sem a companhia de um homem, pois me sinto mais segura acompanhada de alguém do sexo masculino.

() Eu não vou sozinha pois sinto medo do trajeto.

13.Sobre os parques de Curitiba: (Parque Barigui; Jardim Botânico; Parque Tingui; Parque Tanguá; Passeio Público; Bosque do Alemão; Bosque Papa João Papa II)

() Frequenta () Conhece () Não conheço.

14.Em uma escala de 1 a 5, avalie a sua sensação de segurança nos parques da cidade de forma geral:

(1) muito insegura (2) insegura (3) indiferente (4) segura (5) muito segura

15.Você já deixou de ir nestes parques da cidade de Curitiba, por estar sozinha? () Sim () Não.

16.Se sim, avalie de 1 a 5 os respectivos motivos:

() Não gosto de ir em parques sozinha, por preferência.

() Prefiro ir acompanhada, tanto com amigas e amigos, pois me sinto mais segura assim.

() Geralmente não vou em parques sem a companhia de um homem, pois me sinto mais segura acompanhada de alguém do sexo masculino.

() Eu não vou sozinha pois sinto medo do trajeto.

17.Sobre as baladas e bares de Curitiba. Regiões: Centro. São Francisco. Batel. Você:

() Frequenta () Conhece () Não conheço.

18.Em uma escala de 1 a 5, avalie a sua sensação de segurança nestas baladas e bares:

(1) muito insegura (2) insegura (3) indiferente (4) segura (5) muito segura

19.Você já deixou de ir nas baladas e bares destas regiões, por estar sozinha? () Sim () Não.

20.Se sim, avalie de 1 a 5 os respectivos motivos:

() Não gosto de ir em baladas e bares sozinha, por preferência.

() Prefiro ir acompanhada, tanto com amigas e amigos, pois me sinto mais segura assim.

() Geralmente não vou em balada sem a companhia de um homem, pois me sinto mais segura acompanhada de alguém do sexo masculino.

21.Agora, num âmbito geral, você sente que o medo relacionado à insegurança está atrelado à questão de gênero (pertencer ao gênero feminino) ? Avalie de 1 a 5.

(1) discordo totalmente (2) discordo (3) indiferente (4) concordo (5) concordo plenamente

22.De 1 a 5. Nos espaços ao ar livre, o quanto você considera que o aspecto urbano da cidade auxilia o medo de frequentar esses lugares? () Iluminação () Becos () Mobiliário Urbano que possa ser usado como esconderijo. () Prédios Abandonados. () Localidades com pouca movimentação de pessoas.

23.O quanto você acredita que os espaços de lazer na cidade, são planejados pensando na segurança das mulheres? De 1 a 5, avalie.

(1) nem um pouco planejados (2) não são planejados (3) indiferente (4) planejados (5) totalmente planejados.

24.O quanto o fator segurança faz com que você programe o seu trajeto a fim de chegar onde gostaria? Avalie de 1 a 5.

(1) não me faz programar nem um pouco (2) não programo (3) indiferente (4) programo o trajeto (5) me faz programar totalmente

25.O trajeto até chegar em algum desses espaços, já alterou a sua programação? De 1 a 5, avalie essa questão.

(1) não alterou nem um pouco (2) não alterou (3) indiferente (4) alterou (5) já alterou totalmente

26.De 1 a 5 , o quanto você acredita que se os locais privados, como as Baladas e Bares da Cidade, possuísem uma política de segurança mais pensada no bem estar das mulheres que frequentam estes espaços, faria com que você se sentisse mais segura?

(1) eu não me sentiria nem um pouco mais segura (2) eu não me sentiria mais segura (3) indiferente (4) eu me sentiria mais segura (5) eu me sentiria super segura

27.Avalie de 1 a 5, nos Bares e Baladas, o que você acredita que te causaria mais segurança?

() Presença de equipe com mais mulheres no local.

() Na saída do local houvesse profissionais que verifiquem a saída com segurança do público feminino.

() Equipe treinada para impedir assédios e situações constrangedoras à mulheres.

() Bombeiro e Salva-vidas, quando presente, que se identifiquem como feminino.

28.De 1 a 5, em relação aos parques, o que te causaria mais a sensação de segurança na permanência?

() Mais policiamento/ ronda constante.

() Equipe com presença de segurança feminina.

() Câmeras visíveis.

() Iluminação efetiva.

() Mapa do parque disponível.

29. Avalie de 1 a 5, o quanto você gostaria que houvesse um aplicativo de celular especialmente para as mulheres, que servisse para avaliação de espaços de lazer da Cidade de Curitiba? A avaliação seria objetivando analisar a segurança do local para as mulheres.

(1) não gostaria nem um pouco (2) não gostaria (3) indiferente (4) gostaria (5) gostaria muito

30. Avalie de 1 a 5 as informações que você gostaria que este aplicativo contivesse e a respectiva importância de cada uma:

- () Informação sobre os atrativos/ locais/ estabelecimentos.
- () Se há segurança permanente nos locais públicos.
- () Opiniões e Avaliações sobre o local.
- () Opções de transporte ao redor/ para o acesso.
- () Linhas de Ônibus disponíveis por perto, e horários de transporte.
- () Se o estabelecimento privado contém segurança.
- () Se o local contém indicadores de segurança: câmeras de vigilância.
- () Melhor rota para chegar ao local.
- () Mapa dos arredores.
- () Índice de violência e criminalidade da região.
- () Ruas de Acessos a se evitar.
- () Ruas mais iluminadas e frequentadas.
- () Servisse como um canal de denúncia de assédio.

Apêndice 2

MODELO ENTREVISTA AOS ESTABELECIMENTOS

- 1) Já ocorreu algum tipo de estudo para identificar qual o público cliente do estabelecimento? E sobre o público feminino, tem conhecimento do perfil?
- 2) Você acredita ser este estabelecimento seguro para as mulheres?
- 3) Já houve algum tipo de treinamento oferecido à equipe, para combater às situações constrangedoras as mulheres, como, por exemplo, assédio?
- 4) Já aconteceram casos de violências contra as mulheres no espaço? Se sim, qual foram as medidas para conter o ocorrido?
- 5) Qual a sua visão sobre os problemas de violência contra o gênero feminino? E especificamente, quais suas observações sobre as situações que acontecem as mulheres em estabelecimentos deste tipo?
- 6) Vocês se prontificariam a pensar em formas de tornar o ambiente mais agradável e seguro para as mulheres? Estaria disposto a desenvolver projetos, e desenvolver um treinamento específico para a equipe?
- 7) Qual a importância você enxerga em o respectivo estabelecimento ser reconhecido como um ambiente que pensa no bem estar das mulheres?